



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL
CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM HISTÓRIA**



GUSTAVO DE SOUZA RUBBI

**Fora dos corpos: uma análise das práticas e representações de travestis na cidade de
Ituiutaba (década de 1990 a 2019)**

**ITUIUTABA-MG
2020**

GUSTAVO DE SOUZA RUBBI

Fora dos corpos: uma análise das práticas e representações de travestis na cidade de Ituiutaba (década de 1990 a 2019)

Monografia, apresentada ao Curso de História do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História Licenciatura e Bacharelado.

Orientador: Prof. Dr. Giliard da Silva Prado

Banca examinadora

Prof. Dr. Giliard da Silva Prado (Orientador) (UFU)

Prof. Dr. Tiago Duque (UFMS)

Profa. Dra. Angela Aparecida Teles (UFU)

Ituiutaba-MG, 01 de outubro de 2020

Às travestis entrevistadas nessa pesquisa, por me mostrarem que, mesmo diante das dificuldades, a vida pode ser simples e descomplicada.

AGRADECIMENTOS

A longa viagem solitária da produção dessa monografia tornou-se muito mais fácil e prazerosa, pois me foi possibilitado contar com a ajuda de amigos e familiares. Entre as pessoas que cruzaram o percurso da minha graduação, agradeço:

Ao meu orientador, professor Giliard da Silva Prado que por meio do incansável recurso da prática pedagógica da repetição me mostrou como a história pode se abrir para um campo infinito de possibilidades.

À professora Angela Aparecida Teles, que de cena em cena me mostrou o sofisticado processo de construção histórica. Obrigado professora, por todas as sugestões, apontamentos e pela disposição em compor a banca examinadora!

Considerando que o tempo é algo bastante precioso na vida acadêmica, agradeço ao professor Tiago Duque por se disponibilizar a participar da banca examinadora. Agradeço também pelo apoio que encontrei em sua obra que, após ser lida, fica impossível de não criar uma “Duquedependência”.

Ao professor Newman Di Carlo Caldeira, que me mostrou a multiplicidade e complexidade que envolvem a construção de um indivíduo.

Ao professor Astrogildo Fernandes da Silva Jr, por me mostrar as múltiplas direções que a história pode ter e por me fazer entender que os ventos do norte não movem moinhos.

Agradeço a professora Sandra Alves Fiuza, por me ensinar a olhar para os detalhes e sempre encontrar as respostas nos indícios.

À professora Dalva Maria de Oliveira Silva, por todos os conselhos e por todo carinho. Obrigado por tornar minha graduação mais humana e por me ensinar a maravilhosa técnica de ouvir e contar!

De forma geral, sou grato a todo o corpo docente, direção, administração e todas as pessoas que trabalham na Universidade Federal de Uberlândia. Obrigado por me proporcionarem um ensino superior, público, gratuito e de qualidade e por possibilitarem meu contato com profissionais competentes que marcaram minha trajetória e construção enquanto historiador.

Agradeço aos meus pais, Elaine e Paulo e aos meus irmãos, Vinícius e Gabriel, por sempre me apoiarem e me incentivaram, mesmo não sabendo ao certo o que eu faço.

Aos amigos e amigas que estiveram presentes ao longo da minha formação. Em especial, minha amiga de longa viagem, Francine Rodrigues. Obrigado Fran por discordar de mim sempre que necessário e por sempre estimular discussões e conversas prazerosas!

À minha amiga Júlia Araújo, por me mostrar que a alegria pode estar até nos momentos mais conturbados.

À minha amiga e companheira de toda a graduação, Victória Melo. Obrigado por toda a força e momentos juntos! Você vai ser para sempre a minha Vitórinha!

À minha amiga de casa, Bianca Oliveira. Obrigado Bia por me estimular a exercitar a prática e o ofício do historiador!

Ao Ualisson Freitas, pelo apoio em todas as crises e inseguranças. Obrigado Ualisson por me ajudar a sempre ver o lado pacífico do caos!

Por fim, agradeço a todas as pessoas muito importantes cujos nomes não estão aqui registrados, mas que fizeram essa longa viagem tornar-se algo maravilhoso e inesquecível.

Acho que toquei num nervo social muito importante, a liberdade. Liberdade social e de orientação de gênero, que são coisas muito caras e relativamente recentes. Existe um passado de estigma. Vivemos um momento em que a homossexualidade não é considerada um crime, mas ao mesmo tempo é vista como pecado e doença. O fato de eu ter resolvido assumir deu uma ideia das possibilidades, principalmente a de que nunca é tarde para se assumir.

Laerte Coutinho

(COUTINHO, Laerte. Gostaria de não ter renegado minha homossexualidade por 40 anos. [Entrevista concedida a] Iran Giusti. *IGay*, São Paulo, 11 mar. 2014.)

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1- Antes da maquiagem e das transformações: a construção de uma identidade de gênero.....	22
1.1- Identidade em construção: desejos e anseios com o corpo não transicionado	23
1.2- O vislumbre do feminino: descobrindo novas possibilidades corporais e identitárias	30
Capítulo 2 - Da <i>montação</i> à construção definitiva: o surgimento da identidade travesti	36
2.1- Por baixo de cabelos e maquiagem: a revelação da identidade travesti.....	37
2.2- Análise da trajetória na prostituição: do primeiro contato à prática cotidiana.....	44
2.3- Para além da prostituição: as expectativas e representações de um futuro travesti	58
Considerações finais	64
Fontes	66
Referências bibliográficas	67
Anexos.....	70
Anexo I: Roteiro de entrevista – Doroteia Ridel	70
Anexo II: Roteiro de entrevista – Aurora Bertolina	72

RESUMO

Ao longo da história as travestis têm sido alvos de discriminação e de sucessivas tentativas de negação de seus corpos e identidades. A fim de contribuir com os estudos acerca da temática de gênero e da história de travestis, o presente trabalho tem como objetivo compreender as práticas e representações de travestis na cidade de Ituiutaba, examinado tanto suas visões de mundo quanto suas percepções acerca dos modos como são vistas pelos demais segmentos da sociedade. Além de analisar as experiências de vida desses sujeitos históricos, este trabalho propõe-se a entender suas demandas e perspectivas de vida. Para isso, são utilizadas as categorias de análise *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa* de Reinhart Koselleck; e o conceito de *representação* de Roger Chartier. O procedimento de análise baseia-se em técnicas de pesquisa da história oral e na abordagem qualitativa, atentando-se para os indícios presentes nas falas das entrevistadas e nas singularidades que marcam suas experiências de vida. Busca-se compreender as especificidades que envolvem as práticas e representações das travestis, investigando as práticas sociais anteriores ao processo de construção de uma identidade travesti, os principais desafios do processo de construção corporal, bem como seus horizontes de expectativas. Demonstra-se que, mesmo diante de um sistema de imposições, os indivíduos travestis desenvolvem táticas e estratégias para colocar em prática suas necessidades, expectativas e vontades.

Palavras-chave: travesti, experiência, representações, gênero, história oral.



Introdução

A multiplicidade das experiências travestis tem sido, cada vez mais, objeto de questionamentos. No meio acadêmico, nota-se uma crescente produção de pesquisas destinadas a compreender a subjetividade desses corpos e identidades. Entretanto, se voltarmos o olhar para a história, podemos observar que as travestis tiveram seus corpos negados e identidades anuladas pela crescente onda de ódio e discriminação. Nota-se também como esses sujeitos são tradicionalmente estigmatizados de exóticos, esquisitos e problemáticos.

Nos estudos acadêmicos a respeito do tema, observa-se a constatação dos olhares curiosos, desejanter ou de reprovação da população. Assim, dentro desse contexto de múltiplas interpretações, a pesquisa foca em compreender as práticas e representações das travestis na cidade de Ituiutaba¹, examinado tanto as suas visões de mundo quanto as suas percepções em relação aos modos como são entendidos pelos demais segmentos da sociedade. Busca-se através da realização de entrevistas orais², entender os principais desafios e problemas de um processo de construção corporal e subjetivação de uma identidade travesti, bem como perceber a multiplicidade de experiências e expectativas desses sujeitos. Ademais, pretende-se analisar as estratégias e performances utilizadas por esses indivíduos para transitarem tanto nos espaços de prostituição quanto nos espaços de sociabilidade.

Ao procurar referências na literatura acerca do tema para o desenvolvimento desse estudo, nota-se que a produção historiográfica destinada à compreensão dos corpos e identidades travestis é, ainda, muito escassa. Essa lacuna, pode ser explicada se levarmos em consideração que a temática estudada é muito próxima da atualidade e em muitos casos o objeto de análise está em constante processo de transformação. Observa-se a partir disso que apesar

¹ A cidade de Ituiutaba, localizada na região do Triângulo Mineiro, é um município do interior do estado de Minas Gerais. Sua população em julho de 2019, de acordo com a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era de 104.671 habitantes. Disponível em: <www.ituiutaba.mg.gov.br>. Acesso em: 27 abr. 2020.

² Essas entrevistas foram coletadas por meio da organização prévia de roteiros. Está contido nesses roteiros um breve discurso livre de apresentação dos indivíduos entrevistados, no qual eles destacam aspectos gerais de suas experiências (data e local de nascimento, breve trajetória de vida: onde estudou, onde mora, onde nasceu, trabalho, relacionamentos, família, etc.). Os roteiros de entrevistas foram estruturados de forma a atingir os objetivos da pesquisa e coletar informações que possibilitaram tornar inteligíveis as práticas e representações das travestis. Para ter acesso aos roteiros de entrevistas completo, conferir os anexos I e II.

das propostas e contribuições da história do tempo presente, ainda predomina entre os historiadores o interesse por um maior recuo cronológico. Devemos considerar também que o estudo a respeito de questões travestis chama atenção de diversas outras áreas, como a Antropologia, as Ciências Sociais e a Enfermagem. Por esses e outros fatores, as temáticas relativas às travestis acabam sendo mais exploradas por esses campos do conhecimento.

Dentre os estudos acerca do tema que foram importantes para o desenvolvimento e construção desta pesquisa, pode-se citar a obra do autor Tiago Duque.³ A produção se faz relevante por possibilitar a compreensão de que os processos de construção e desconstrução dos corpos das travestis estão relacionados a experiências subjetivas. Contribui, dessa forma, para o entendimento das múltiplas questões que envolvem gênero, corpos e identidades desses sujeitos. O autor trabalha na perspectiva de que, no estudo dos sujeitos travestis, o mais significativo não é reunir um grande número de entrevistas, mas sim atentar-se aos detalhes fornecidos, procedimento que é seguido nesta pesquisa.

Outro trabalho bastante relevante para esta pesquisa é a obra de Marcos Benedetti.⁴ A produção contribui para o entendimento da construção das identidades travestis e, principalmente, para a percepção de questões relacionadas aos corpos desses sujeitos. Tendo em vista que entende o processo de montagem, como um ato que envolve a manipulação e construção da identidade feminina, o autor propõe abordar o corpo e o gênero das travestis em uma dimensão cultural. Desse modo, a obra de Benedetti busca entender os processos de construção corporal e subjetivação de identidades como processos culturais.

Há muito a ser tomado de empréstimo e a ser utilizado no vasto campo da Antropologia, como, por exemplo, na obra de Don Kulick que aborda as questões de prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil de forma detalhada.⁵ O autor realiza um estudo da vida cotidiana das travestis, prezando pelo modo como vivem, agem, pensam e se inserem na sociedade. A produção explora a lógica cultural que envolve as práticas desses sujeitos, destacando os

³ DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2011.

⁴ BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

⁵ KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

processos de se tornar travesti. Assim, a obra é importante para esta pesquisa pois possibilita o entendimento de aspectos gerais que estão presentes na cultura dos indivíduos pesquisados.

O campo de estudos que envolve o corpo e a identidade travesti constrói-se de forma interdisciplinar. A partir das contribuições desses autores, o presente trabalho busca compreender a multiplicidade das experiências desses sujeitos. Nesse sentido, esta pesquisa é orientada pelas seguintes questões: quais as práticas e visões de mundo desses indivíduos na cidade de Ituiutaba? Quais os desafios e problemas enfrentados no processo de construção corporal e subjetivação de suas identidades? Quais as expectativas desses sujeitos?

Para contribuir com o estudo dessas questões é importante que se ressalte quais filiações teóricas, conceitos e categorias são utilizados neste trabalho. Nesse sentido, entende-se o *espaço de experiência* e o *horizonte de expectativa* como categorias históricas de análise que permitem abordar a história sob a perspectiva das experiências vividas e das expectativas dos indivíduos. Como afirmado por Reinhart Koselleck “a experiência é o passado atual, no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional, quanto as formas inconscientes de comportamento [...]”.⁶ Portanto, na forma como cada indivíduo lidou com suas experiências e anseia por suas expectativas, constitui-se uma relação com o tempo histórico. No que diz respeito à categoria de horizonte de expectativa, o autor a entende como um espaço voltado para o ainda não experimentado, para o que apenas pode ser previsto e ansiado. Nesse sentido, a análise realizada dos depoimentos coletados das travestis levou em consideração a busca pela compreensão de suas histórias e a forma como esses indivíduos se percebem e se constituem no tempo.

Recorrer à categoria *experiência* mostra-se como uma estratégia teórico-metodológica importante, pois em vez de tomar como referência categorias de análise e conceitos pré-estabelecidos, o uso dessa categoria permite compreender a história como experiência vivida. Como apontado por Joan Wallach Scott, a categoria *experiência* permite compreender a vida dos sujeitos como processos históricos, trazendo protagonismo aos indivíduos que foram

⁶ KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: *Futuro Passado: contribuição a semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p.309.

reprimidos e explorados.⁷ Assim, como já explicitado, a categoria *experiência* é utilizada como forma de compreender o modo pelo qual as travestis apreendem os conhecimentos dos eventos passados e vividos.

Na perspectiva aqui adotada, compreende-se as experiências travestis relacionadas ao tempo e à realidade social da cidade de Ituiutaba, que a todo momento é pensada e construída por esses sujeitos. A partir disso, entendendo que as percepções do social não são discursos neutros, utiliza-se das categorias de *prática* e *representação* de Roger Chartier. Em sua obra, Chartier assinala que as lutas de representações são importantes para se entender os mecanismos pelos quais um grupo impõe a sua concepção de mundo, seus valores e seu domínio.⁸ Desse modo, o autor define *representação* como um instrumento pelo qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, constrói significados sobre o mundo social. O autor afirma ainda que *representação* é um processo de significação intencional, carregado de interesses, que corresponde a uma determinada estratégia de um agente ou grupo. No que diz respeito ao conceito de *práticas*, o autor o define como modos de agir carregados de intencionalidade e que correspondem a interesses específicos. Nesse sentido, de acordo com Chartier, é por meio das *práticas sociais* que os indivíduos constroem e representam seus interesses. Assim, essas categorias tornam-se úteis para tornar inteligíveis as formas simbólicas e discursivas que as travestis utilizam para se afirmarem e se construírem.

De forma a analisar os modos pelos quais as travestis se apropriam dos espaços e das produções socioculturais, utiliza-se do conceito de *práticas cotidianas* de Michel de Certeau.⁹ Conforme demonstrado por Certeau, são *práticas cotidianas* os atos de falar, ler, fazer compras, etc. Essas práticas podem consistir em “vitorias dos fracos sobre os mais fortes, pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de caçadores, mobilidades da mão-de-obra, simulações polimorfas, achados que provocam euforia, tanto poética quanto bélica”.¹⁰ Portanto, o conceito

⁷ SCOTT, Joan Wallach. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*, São Paulo, v.16, p. 297-325, fev. 1998. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11183/8194>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

⁸ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estud. Av.*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

⁹ CERTEAU, Michel. Introdução. In: *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 37-53.

¹⁰ Ibidem, p. 47.

de *práticas cotidianas*, possibilita analisar e identificar as estratégias utilizadas pelas travestis para driblar os aspectos hegemônicos de poder.

Os sujeitos constroem suas experiências de forma desprovida de sentido e, mesmo com a imposição de normas estabelecidas, eles continuam construindo suas vidas de maneira heterogênea. Considerando esse aspecto, faz-se o uso da categoria de *trajetória* para realizar a análise das experiências das entrevistadas. Conforme exposto por Michel de Certeau, as *trajetórias* “selecionam fragmentos tomados nos vastos conjuntos da produção para a partir deles compor histórias originais”.¹¹ Isso implica pensar que as *trajetórias* de vida são constituídas por ações indissociáveis do tempo. Dentro dessa lógica, recorrer a essa categoria significa não reduzir as ações dos sujeitos a simples operações irreversíveis, mas compreendê-las como fatores construídos no decorrer do tempo. Portanto, essa categoria se faz útil para analisar as especificidades que envolvem as construções das identidades travestis e proporciona o entendimento das ações que, mesmo diante de um sistema de imposições simbólicas, não suprime as possibilidades dos indivíduos de se representarem.

De modo a entender as maneiras pelas quais as travestis constroem suas próprias vontades e poderes, diante das imposições e normas estabelecidas, utiliza-se das categorias de *estratégias* e *táticas*. Para Certeau, *tática* é “a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio”.¹² Segundo essa concepção, as *táticas* são as ações construídas dentro do campo de poder estabelecido. Como argumentado pelo autor, a *tática* consiste em “aproveitar as ocasiões e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas”.¹³ No que diz respeito à categoria *estratégia*, o autor a define como ações dos indivíduos dentro de um mundo gerido por poderes visíveis e invisíveis de um Outro. A *estratégia* é a construção de um lugar “próprio”, no qual os sujeitos têm vontades e poderes próprios. As *estratégias* são ações que abalam as configurações e esquemas formais.¹⁴ Assim, essas categorias tornam-se úteis, pois ajudam na compreensão das ações exercidas pelos indivíduos da pesquisa.

¹¹ CERTEAU, Michel. Estratégias e táticas. In: *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 98.

¹² Ibidem, p. 100.

¹³ Idem.

¹⁴ CERTEAU, Michel. Estratégias e táticas, op. cit., p. 99.

A partir do contato com a literatura que busca compreender as travestis, nota-se que esses indivíduos sentem que há algo de errado com seus corpos e que não se entendem em sua identidade. É nesse sentido que a categoria *gênero*, tal como abordada pela autora Joan Wallach Scott, torna-se útil para analisar a multiplicidade da formação identitária desses sujeitos. A obra insere as discussões de gênero no campo historiográfico ao considerá-lo uma categoria de análise histórica, possuindo características inerentes às relações humanas e aos indivíduos.¹⁵ Assim, *gênero* torna-se uma categoria analítica útil pois possibilita o aprofundamento nos sentidos construídos sobre o masculino e o feminino, transformando o espectro de gênero e sexo em campos abertos a múltiplas interpretações e significações.

É possível observar, nas pesquisas que buscam compreender as experiências de vida dos sujeitos travestis, um intenso debate sobre qual dos termos (travestis, transexuais ou transgêneros) seria o mais adequado para qualificar as experiências desses indivíduos. Uma das saídas encontradas por alguns pesquisadores é a utilização do termo *trans*.¹⁶ Dentro desse contexto, o historiador Rafael França Gonçalves Santos, ao realizar entrevistas orais, nota que entre suas entrevistadas prevalece a percepção de diferença entre *trans* e travestis. Como apontado pelo autor, para muitas de suas entrevistadas “a cabeça das transexuais é muito diferente das travestis, pois para elas a transexual é uma mulher de verdade, uma pessoa que se sente como mulher, mas que está aprisionada no casulo de um corpo masculino”.¹⁷ Como argumentado por Santos, apesar de todas as entrevistadas terem um corpo que pode ser socialmente qualificado como feminino, para elas “as transexuais teriam também uma cabeça de mulher, enquanto as travestis seriam constituídas por uma cabeça de homem”.¹⁸

¹⁵ SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v.20, nº 2, p.01-35, jul. /dez. 1995. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf >. Acesso em: 07 mar. 2020.

¹⁶ Esse é o caso do historiador Rafael França Gonçalves Santos. Para conferir mais sobre a discussão terminológica, ler: SANTOS, Rafael França Gonçalves. Amizades e invenções de si: as experiências trans em Campos dos Goytacazes. *Sociabilidades Urbanas: Revista de Antropologia e Sociologia*, v.1, n.3, p. 136-148, nov. 2017. Disponível em:< <http://www.cchla.ufpb.br/sociabilidadesurbanas/>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

¹⁷ SANTOS, Rafael França Gonçalves. Amizades e invenções de si: as experiências trans em Campos dos Goytacazes. *Sociabilidades Urbanas: Revista de Antropologia e Sociologia*, v.1, n.3, p. 145, nov. 2017. Disponível em:< <http://www.cchla.ufpb.br/sociabilidadesurbanas/>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

¹⁸ Idem.

Outro trabalho que contribui para o debate em questão, é a produção de Vinícius Cabral¹⁹, que aponta que suas investigações sofreram alterações no decorrer da pesquisa, pois algumas das pessoas passaram a se identificar como transexuais. Como argumentado por ele, embora não houvesse uma diferenciação aparente entre os indivíduos e nem fatos concretos que possibilitassem estabelecer diferenças entre os termos travestis e transexuais, algumas delas adotavam o termo transexual. O autor ressalta que as identidades são transitórias e que, em certa medida, foi o acesso das travestis aos discursos médicos, bem como às políticas de saúde implementadas no Brasil em 2008, que passou a permitir que as travestis se identificassem como transexuais.²⁰ Diante disso, Cabral defende que “não há diferença entre níveis de discriminação e violência sofrida por elas; apesar das diferenças nas identidades de travestis e transexuais femininas, elas transgridem a linearidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual”.²¹ Considerando o debate estabelecido, entende-se no presente trabalho que as experiências de vida dos sujeitos entrevistados são constituídas por aspectos desuniformes. Portanto, como forma de compreender esses aspectos, as experiências de vida desses indivíduos são analisadas sob a ótica multi-interpretativa e multi-experiencial da teoria *queer*.

Os estudos acadêmicos a respeito das travestis demonstram que a construção de suas identidades se desenvolve ao longo do tempo, de forma fluida e variada. Portanto, entendendo a necessidade de compreender a multiplicidade que envolve a construção das identidades travestis, optou-se por não se prender a conceitos fixos e limitados de gênero. Assim, entende-se sexualidade e gênero através da categoria *Queer*. Como apontado por Tiago Duque, o *Queer* está relacionado a uma concepção pós-estruturalista, que origina uma nova forma de identificação pessoal, incluindo todas as identificações sexuais que não são consideradas normais ou aceitas.²² Nesse sentido, *Queer* é uma categoria que pode significar excêntrico, esquisito, diferente, estigmatizado ou anormal e essa filiação teórica possibilita reconhecer como objeto de pesquisa sujeitos com identidades fluidas e sem essências demarcadas.

¹⁹ CABRAL, Vinícius. *Espaço e morte nas representações sociais das travestis e transexuais femininas*. 2015. 103f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

²⁰ No ano de 2008, o Sistema Único de Saúde (SUS), passou a permitir que as cirurgias de transgenitalização fossem realizadas. Para saber mais sobre essa medida, ler a portaria: BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 457, 19 de agosto de 2008. Processo Transsexualizador. Brasília, DF, 2008b.

²¹ CABRAL, Vinícius. *Espaço e morte nas representações...*, op. cit., p. 11.

²² DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens...*, op. cit., p. 31-34.

Outro conceito que se faz relevante para a pesquisa é o conceito de *performatividade*. Como argumentado por Judith Butler, a *performatividade* propõe pensar a constituição do gênero como atos e gestos representados pelos indivíduos. Assim “esses atos, gestos e atuações, [...], são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos”.²³ Dentro dessa lógica, o conceito se faz útil, pois contribui para analisar as expressões corporais, os gestos e as maneiras por meio das quais as travestis produzem seus corpos e se portam nas ruas e avenidas.

Diante desses referenciais teórico-metodológicos apresentados, percebe-se não ser possível pensar a história das experiências desses sujeitos como constituídas por uma sucessão de acontecimentos lineares e rigidamente demarcados. Nesse contexto, optou-se por não determinar uma delimitação temporal inicial rígida e fixa para os indivíduos entrevistados, pois pensar as suas experiências de vida é considerar que os fatos estudados seguem até o presente e a memória construída por eles se opera por meio da intervenção e reconstrução. Assim, o recorte temporal inicial data da década de 1990²⁴, período no qual ocorreram algumas das experiências vivenciadas pelas travestis em suas infâncias, estendendo-se até o ano de realização da última entrevista, em 2019. Nesse sentido, ainda que se saiba que as narrativas ressignificam as experiências, optou-se por priorizar no recorte temporal o período no decorrer do qual transcorreram as experiências relatadas. Entende-se que enquadrar as trajetórias de vidas dos indivíduos da pesquisa em um espaço de tempo rigidamente delimitado implicaria em praticamente negar a multiplicidade de processos pelos quais se opera a vida desses sujeitos.

Desse modo, a pesquisa propõe pensar as experiências de vida dos indivíduos entrevistados a partir das especificidades que envolvem a história do tempo presente (HTP).²⁵

²³ BUTLER, Judith. Inscrições corporais, subversões performativas. In: BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 185-201.

²⁴ Optou-se pela década de 1990 pois não se pode afirmar com exatidão o ano em que os indivíduos da pesquisa começam a vivenciar suas identidades travestis.

²⁵ Christian Delacroix argumenta que, este campo de estudos teve desenvolvimentos em diferentes países com designações diversas: “história do tempo presente aqui no Brasil, história do passado recente (*historia del pasado reciente*), história atual (*historia actual*), história viva, história do passado vivo (*historia vivida, historia del pasado vivo*), história do presente (*historia del presente*)”. Ver mais em: DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? *Revista Tempo e Argumento*, [S.l.], v. 10, n. 23, p. 44, abr. 2018. ISSN 2175-1803. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/12709>>. Acesso em: 19 maio 2020.

Como afirmando por Jean Lacouture, pensar a história imediata significa considerar uma operação histórica “próxima, participante, ao mesmo tempo rápida na execução e produzida por um ator ou testemunha vizinha do acontecimento, da decisão analisada”.²⁶ Seguindo essa lógica, pensar a história imediata é compreender que os fatores estudados prosseguem até o presente. É pensar uma história que se opera através da “verificação, delimitação, exclusão, coleção e supõe a intervenção de um mínimo de fatores técnicos de mediação, caneta, papel, cola, pasta, documentos”.²⁷ Portanto, a ausência de recuo cronológico no estudo é neutralizada pelo recuo metodológico, o não acesso a alguns arquivos do passado recente é compensado pela abundância de fontes substitutivas e o trabalho sobre processos não terminados permite que a pesquisa interprete o tempo histórico como campo descontínuo e heterogêneo, no qual o presente passa a ser constituído de tempos diferentes, de “pluralidade de tempos copresentes feito de surgimentos, de reapropriações, de retomadas do passado – de “pós-golpes” – e ressoa passados que não passam, passados não resolvidos, possíveis do passado não realizado”.²⁸

A análise realizada apresenta um interesse não somente nos fatos narrados pelas entrevistadas, mas também nos fatos vividos e ressignificados por elas. Portanto, considerar as especificidades da história imediata é se orientar através de um eixo de interpretação temporal que transcorre por meio da representação das experiências e expectativas dos sujeitos entrevistados. A história imediata se faz útil para o estudo pois, “não tende apenas a encurtar os prazos entre a vida das sociedades e sua primeira tentativa de interpretação, mas também a dar a palavra aos que foram os atores dessa história. Ela não aspira apenas à rapidez dos fluxos. Ela quer se elaborar a partir desses arquivos vivos que são os homens”.²⁹ A história do tempo presente opera por meio dos acontecimentos inconclusos e, como argumentado por Christian Delacroix, delimitar um marco rígido inicial e terminal para um evento representaria “uma maneira de sabotar a legitimidade cronológica de um tempo presente ou pelo menos um modo

²⁶ LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 216.

²⁷ Idem.

²⁸ DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? *Revista Tempo e Argumento*, [S.l.], v. 10, n. 23, p. 71, abr. 2018. ISSN 2175-1803. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/12709>>. Acesso em: 19 maio 2020.

²⁹ LACOUTURE, Jean. A história imediata, op. cit., p. 217.

de reduzi-lo ao passado imediato”.³⁰ Considerando o debate estabelecido, há nesse estudo, uma valorização da abordagem da história do tempo presente, pois esse campo de pesquisa reconhece o protagonismo dos atores sociais e devido ao seu caráter de renovação histórica, proporciona uma ampliação do uso de fontes, possibilitando assim que essa pesquisa preze pela interdisciplinaridade ao manter o diálogo constante com a Antropologia.

Com o objetivo de compreender as práticas e representações de travestis na cidade de Ituiutaba e examinar suas experiências de mundo, utiliza-se como fontes principais duas entrevistas orais.³¹ Nesse sentido, o procedimento de análise baseia-se na abordagem qualitativa, prezando não por um grande número de entrevistas, mas sim pelos detalhes fornecidos pelos entrevistados. Portanto, atentando-se aos comportamentos, experiências de vida, expectativas e desafios que envolvem as práticas travestis, utiliza-se como forma de identificar esses elementos os parâmetros e técnicas da história oral. De acordo com Paul Thompson, a história oral consiste em um método investigativo e pode ser definida como uma “interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”.³² Além disso, a utilização da história oral proporciona um trabalho investigativo de problematizações, pois relaciona as vivências relatadas pelo entrevistado ao contexto mais amplo no qual ele está inserido.

Abordo a história oral, nos termos de Paul Thompson, como sendo uma metodologia investigativa que proporciona um trabalho de problematizações. De acordo com o autor, a pesquisa de trajetórias de vida abrange tanto a interpretação das experiências individuais, quanto a análise das sociedades mais amplas. Assim, a pesquisa visa problematizar os depoimentos coletados das travestis e inseri-los no espaço social, visando a compreensão das correlações com seu tempo histórico.

³⁰ DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. Uma crise da história? (décadas de 1980 /1990). In: *Correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Ed. FGV: 2012, p. 353.

³¹ Como forma de preservar a identidade dos sujeitos entrevistados optou-se por substituir todas as informações que pudessem revelar características de sua identidade. Assim, para se referir a esses sujeitos, utiliza-se nessa pesquisa os nomes fictícios de Aurora Bertolina e Doroteia Ridel.

³² THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. Trad. Andréa Zhouri e Lígia M. L. Pereira. História Oral. *Revista da ABHO*, nº 5, p.09, jun. 2002. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=47&path%5B%5D=39>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

A metodologia não foi escolhida aleatoriamente, mas a partir da constatação de que somente com a problematização dos discursos dos sujeitos entrevistados, poderia oferecer respostas às indagações feitas a respeito das práticas e representações das travestis na cidade de Ituiutaba. Nesse sentido, a pesquisa preza por problematizar e investigar os depoimentos coletados e não por interpretá-los como dados objetivos. Essa postura permite a compreensão das esferas ocultas, ou seja, “os aspectos da vida da maioria das pessoas, que raramente são bem representados nos arquivos históricos”.³³ Desse modo, a utilização desta metodologia contribui para a compreensão da multiplicidade das experiências travestis, seja os aspectos relacionados à família, infância e adolescência ou aspectos que envolvem subjetividades individuais, como percepções corporais e construções identitárias.

Como forma de entender a diferenciação entre o vivido e a realidade, utiliza-se dos parâmetros metodológicos da autora Verena Alberti.³⁴ Assim, essa pesquisa assume uma postura de demonstrar que as memórias construídas por meio dos depoimentos passam por transformações e que as versões da realidade são construídas a partir das experiências dos indivíduos. Desse modo, como explicitado pela autora, a memória a que se tem acesso por meio dos depoimentos orais passa por um processo de seleção. Portanto, o passado é retomado em forma de síntese e como uma construção. Nesse sentido, a postura metodológica exercida na pesquisa objetiva compreender os sujeitos a partir de suas historicidades e de suas experiências. Tomando a história oral como uma metodologia genuinamente hermenêutica, busca-se problematizar e compreender os sujeitos da pesquisa em suas limitações e experiências singulares e próprias. Diante disso, as interpretações dos depoimentos coletados não visam um entendimento completo e acabado, havendo assim, sempre espaços para novas possibilidades e novas interpretações.

O corpus documental é constituído também pelas seguintes fontes complementares: o terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH3)³⁵, documentos e legislações destinadas a pensar as políticas públicas voltadas a atender as demandas das travestis, como

³³ THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade, op. cit., p. 17.

³⁴ ALBERTI, Verena. O lugar da história Oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In: ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.13-31.

³⁵ Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. *O Terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos*. Disponível em: < <https://pndh3.sdh.gov.br/public/downloads/PNDH-3.pdf> >. Acesso em 06 abril 2019.

por exemplo, o Plano Nacional de Combate à violência e à discriminação GLTB e promoção da cidadania homossexual³⁶, o Plano Nacional de Enfrentamento da epidemia da AIDS e das DST entre gays, HSH e Travestis³⁷ e a Portaria nº 475 do Processo Transexualizador.³⁸ Esses documentos e legislações possuem valor para a pesquisa por possibilitarem pensar as relações entre as travestis e os órgãos governamentais, seja em ações voltadas para a ampliação do acesso ao sistema de saúde, em ações que visam combater a discriminação, ou ações que agem na inserção desses sujeitos no meio social. Referente à análise desses documentos, o apoio é encontrado nas contribuições de Tiago Duque, que analisa as normas sociais que envolvem as travestis e as estruturas políticas, que buscam protegê-las e acabam desvalorizando seus desejos e expectativas de vida.³⁹

Além dos documentos e legislações, a pesquisa dedica-se a análise do site *Fatal Model*.⁴⁰ Essa fonte secundária, contribui para a obtenção de mais informações a respeito das características que envolvem a construção identitária dos indivíduos pesquisados. Contribui também, para a compreensão de elementos que constituem a prática e o cotidiano do trabalho com a prostituição.

Tendo em vista a problemática estabelecida e delimitados o arcabouço teórico-metodológico e as fontes a serem utilizadas, estrutura-se o trabalho em dois capítulos. No primeiro capítulo, são problematizadas as experiências e expectativas desses sujeitos anteriores ao processo de construção corporal e subjetivação de uma identidade. Nesse capítulo, faz-se uma análise de como as relações mantidas por esses sujeitos no tempo histórico de sua infância

³⁶ BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil Sem Homofobia*: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

³⁷ Programa Nacional de DST e Aids. *Plano Nacional de Combate à violência e à discriminação GLTB e promoção da cidadania homossexual*. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_enfrentamento_epidemia_aids_hsh.pdf>. Acesso em 06 abril 2019.

³⁸ BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 457, 19 de agosto de 2008. *Processo Transexualizador*. Brasília, DF, 2008b.

³⁹ DUQUE, Tiago. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 489-500, maio 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200010>>. Acesso em: 16 maio 2018.

⁴⁰ FATAL MODEL. *Fatal Model*, 2020. Ementa (O site Fatal Model disponibiliza a plataforma para que acompanhantes possam divulgar seu trabalho. Vale lembrar que o conteúdo do anúncio é de responsabilidade do anunciante e que o Fatal Model é apenas uma rede social.). Disponível em: <<https://fatalmodel.com/>>. Acesso em: 04, maio 2020

contribuíram para a formação de suas identidades. Além disso, são também analisadas as relações desses sujeitos com seus corpos, vestimentas e identidades anteriores às transformações. No segundo capítulo, busca-se refletir como os sujeitos entendem suas trajetórias de vida e se representam, destacando como ao longo do tempo – com as mudanças no corpo e na identidade – as travestis se constroem e projetam suas expectativas e experiências.

É considerando que as inquietações surgidas no presente motivam os historiadores a se debruçarem no tempo em busca de compreensão de um determinado aspecto da realidade histórica que se justifica o desenvolvimento deste trabalho. Neste caso, as questões surgiram do envolvimento com as pautas da comunidade LGBTTQI+ e de inquietações a respeito da posição e espaço destinados às questões *trans* e travestis, tanto dentro do movimento, quanto nas questões de caráter social, cultural e político. O interesse em melhor compreender as representações e experiências de vida de travestis e a necessidade de tornar visíveis as reivindicações desses sujeitos foi o que motivou voltar o olhar para esse grupo, na intenção de compreender e entender suas demandas, aflições, expectativas e perspectivas de vida.

Como apontado por Marcos Renato Benedetti, é necessário, ao se trabalhar com sujeitos travestis, levar em consideração as especificidades e singularidades de cada indivíduo. Diante disso, a pesquisa soma-se a outras autoras e autores que já abordaram a temática e contribuíram para a compreensão do assunto, mas apresenta-se como um tema inédito, por estudar e atentar-se para as trajetórias de vida, características, singularidades e demandas próprias de sujeitos históricos que são únicos.

No que se refere às contribuições e à relevância da pesquisa para a área de História, pode ser citada a importância em contribuir na compreensão das travestis como indivíduos históricos e portadores de experiências que merecem ser valorizadas e entendidas. Por fim, acredita-se que a pesquisa possa ser útil para trabalhos futuros que busquem ampliar o estudo e compreender outros aspectos relativos às experiências de travestis da cidade de Ituiutaba.



Capítulo 1- Antes da maquiagem e das transformações: a construção de uma identidade de gênero

Quando eu era menino, eu me achava diferente, me achava assim, como que eu te explico? Era estranho, porque eu não entendia, eu não sentia atração por meninas e sim por meninos, eu olhava diferente. [...]. O medo é muito grande e não tem como você se entender e sua família também não sabe. Então você fica meio reprimido, você guarda tudo só para você e sofre bastante nisso!⁴¹

Aurora Bertolina

Quando crianças, Aurora⁴² e Doroteia⁴³ sentiam que havia algo de errado com seus corpos. Esses sujeitos passaram grande parte de suas vidas se questionando sobre o que havia de errado com suas identidades. Para elas, as roupas e grande parte dos elementos que envolviam o universo masculino não condiziam com seus desejos e anseios genuinamente femininos. Assim, antes da maquiagem e das transformações corporais, Aurora e Doroteia valiam-se de diversos artifícios e práticas para satisfazerem suas vontades femininas.

No decorrer de suas infâncias, elas passaram por diversos processos que marcaram suas trajetórias de vida. Aurora e Doroteia, desde muito cedo, tiveram que aprender a lidar com os olhares curiosos e de reprovação dos demais segmentos sociais, que julgavam suas práticas e modos de se representarem no mundo.

No início da adolescência, o desejo que tinha sido tão reprimido na infância, não conseguia mais ser satisfeito apenas com as roupas. Havia agora a vontade de algo a mais. As expectativas que estavam guardadas e reprimidas há muito tempo precisavam urgentemente ser atendidas. Nesse sentido, Aurora e Doroteia decidiram não mais seguir as concepções de gênero

⁴¹ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos: uma análise das práticas e representações das travestis na cidade de Ituiutaba (década de 1990 - 2019)*. [Entrevista concedida a] Gustavo de Souza Rubbi. Ituiutaba - MG, 12 set. 2019. p. 17.

⁴² Nascida em Uberlândia, mudou-se para Ituiutaba aos treze anos. Passou a infância e o início do seu processo de montagem morando com os pais e irmãos.

⁴³ Nascida em São Paulo, mudou-se para Ituiutaba aos quatro anos. Passou a infância e o início de seu processo de montagem morando com a mãe e irmãos.

que lhes foram impostas. Cansadas das imposições, elas decidem romper com as expectativas sociais e com os comportamentos normativos esperados.

O vislumbre da possibilidade de existência de sujeitos que se apresentavam de forma feminina, com suas maquiagens, unhas compridas, um enorme cabelo e um corpo cheio de curvas e bem definido davam a Aurora e Doroteia a esperança de realizar suas expectativas. Desse modo, em meio aos anseios próprios de uma identidade em construção, elas vislumbraram na travestilidade novas possibilidades para satisfazer seus desejos.

Diante do exposto, nota-se que entre a infância e o início da adolescência, Aurora e Doroteia passaram por inúmeros processos que marcaram a multiplicidade de suas experiências. Dentro de um mundo que funcionava, em grande parte, por meio dos padrões normativos heterossexuais, elas buscaram artifícios para atingir suas expectativas e representarem suas necessidades e vontades femininas.

A partir do que foi apresentado, estrutura-se este capítulo em duas partes. Na primeira parte, intitulada *Identidade em construção: desejos e anseios com o corpo não transicionado*, busca-se discutir as seguintes questões: como eram as práticas e as visões de mundo das travestis, anteriores ao processo de construção de uma identidade travesti? Quais as expectativas desses sujeitos com o seu corpo e sua identidade? Quais as relações com o corpo antes do processo de transformação? Na segunda parte, intitulada *O vislumbre do feminino: descobrindo novas possibilidades corporais e identitárias*, problematiza-se os seguintes questionamentos: como se deu o primeiro contato com a identidade travesti? De que forma intensificou-se o desejo de transformações corporais e identitárias?

1.1- Identidade em construção: desejos e anseios com o corpo não transicionado

*A infância, para mim, foi muito dolorida porque você não se entende e sua mãe e família não sabem te apoiar. Eles são os primeiros a te julgar e criticar sem entender o que está passando com você. Às vezes, você só queria um abraço e um carinho “vai ficar tudo bem”, mas não! Isso não pode! E você se perde, não se entende [...].*⁴⁴

Aurora Bertolina

⁴⁴ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 21.

Desde muito cedo, fica evidente a multiplicidade das experiências que caracterizam os processos de construção das identidades travestis. Além de seus próprios medos e anseios, esses sujeitos precisam lidar com as expectativas e desejos de seus familiares, que, em muitos casos, não compreendem suas transformações. Como mostra o fragmento citado acima, já na infância os indivíduos travestis percebem que existe algo diferente em suas identidades. Nesse sentido, como apontado por Aurora, a infância representava, para ela, um período de não entendimento de suas expectativas e de não aceitação, por parte de seus familiares, de suas vontades.

Nota-se, nos escritos que abordam a temática, um interesse por parte dos pesquisadores em entender a formação desses sujeitos desde sua infância. Como apontado por Tiago Duque, olhar para o momento de origem desses indivíduos torna possível, entre outras coisas, perceber um pouco mais sobre a constituição e formação de suas identidades.⁴⁵

As travestis com as quais tive contato na pesquisa cresceram em famílias que tratavam todos os seus membros, incluindo elas próprias, como heterossexuais. Para algumas crianças, esse fator passa a produzir um profundo estranhamento a respeito de seus interesses por pessoas do mesmo sexo. Ao ser questionada sobre sua infância, Aurora a constrói como um momento de muitas dúvidas e de negação de seu corpo e de sua identidade. Em certa medida, grande parte dos problemas de Aurora estavam no fato de sua mãe não a aceitar e não compreender suas transformações. Como apontado por Tiago Duque, a negação do filho, de que é exemplo o que ocorreu no caso da mãe de Aurora, justifica-se pelo fato de a mãe “relacionar travesti à imagem dominante que associa ao extremo do efeminamento e da passividade sexual, em suma, ao rompimento radical das expectativas sociais”.⁴⁶ Nesse sentido, no caso de Aurora, a infância representou um período de estranhamento com seu gênero e seus desejos.

Nos inúmeros casos de agressão por ela relatados, é possível notar a associação de seus desejos e vontades ao estigma da vergonha, seja pelo fato de sua mãe não permitir que ela utilizasse suas roupas dentro de casa, seja pelo fato de os alunos da escola em que ela estudava tornarem risíveis suas vestimentas e comportamentos. Aurora teve, portanto, grande parte de

⁴⁵ DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens...*, op. cit., p. 139.

⁴⁶ Ibidem, p. 141.

suas experiências formadas pela vergonha e pela tentativa de imposição de comportamentos normativos esperados. Como apontado por ela,

[...] quando meu cabelo cresceu e eu coloquei aplique, aí sim eu fui para escola de menina, totalmente! Comprei uma calça apertadíssima [...] uma rasteirinha e comprei uma *baby look* do uniforme da escola que mostrava a barriga! [...]. No começo eu ficava muito apavorada, quando falavam: “Aí o traveção”. Nossa, era o fim para mim!⁴⁷

Nesse sentido, percebe-se que os primeiros processos que envolveram o contato de Aurora com o feminino foram marcados por agressões e pela estigmatização. Assim, além de ter que lidar com seus próprios desejos e com as subjetividades que envolviam sua identidade em construção, ela precisou suportar os olhares curiosos dos outros sujeitos sociais e foi necessário que ela rompesse com a vergonha para poder manifestar suas expectativas.

Em suas reflexões sobre as experiências travestis na infância, Duque considera que nesse período há uma fase de socialização marcada por imposições da normalidade de gênero, que, em certa medida, têm um papel formador de identidade. Nesse sentido, como apontado pelo autor, a “vergonha marca a experiência de meninos que se interessam afetivamente e sexualmente por outros meninos”.⁴⁸ Portanto, a vergonha vai atuar na infância como dispositivo de controle dos comportamentos e como mecanismo de introjeção das normas sociais aceitas. Por isso, esse sentimento torna-se central para entender as experiências desses sujeitos, uma vez que se constitui em um fator que relaciona o desejo desses sujeitos a atributos impuros e à negação. Assim, estabelece-se uma política de vergonha que, por meio de um discurso moralista, vai renegar grande parte dos desejos desses sujeitos impondo a dominação da lógica heterossexual.

No que diz respeito à realidade vivenciada e percebida por Doroteia, nota-se que sua infância, apesar das complicações, foi um período mais brando, quando comparado, por exemplo, à infância de Aurora. Isso pode estar associado ao fato de ela ter optado por realizar suas transformações relativas ao feminino mais lentamente, como uma forma de não assustar sua mãe. Conforme relatado por Doroteia,

⁴⁷ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 19.

⁴⁸ DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens...*, op. cit., p. 141.

Com sete anos, eu já me entendia como homossexual. Fui despertando o interesse por meninos na escola. Com treze eu assumi para minha mãe que eu era homossexual. Aí fui levando a vida e com dezoito eu já vi que eu não queria viver naquele corpo que [me] incomodava, aquela aparência, com tudo aquilo. Foi onde eu cheguei nela e falei: mãe eu quero virar transexual, travesti, como queira denominar. Aí fui fazendo as transformações de pouco a pouco, para não assustar ela também né!⁴⁹

Como mostra o fragmento acima, mesmo identificando aos sete anos de idade que suas expectativas não coincidiam com suas práticas, Doroteia optou por realizar suas modificações de forma gradual, para não romper bruscamente com os desejos de sua mãe. Como exposto por Tiago Duque, as travestis, por se tratarem de homens que abdicam do privilégio da masculinidade, têm sua identidade associada a um desvio de caráter.⁵⁰ Assim, o aspecto menos turbulento da infância de Doroteia pode estar associado à forma gradual de suas transformações, que não causaram um impacto imediato em sua família, pois ela não rompeu instantaneamente com suas características masculinas.

A infância de Doroteia, apesar de ter sido marcada pela vergonha, é representada por ela como um período mais fácil, pois, segundo seu relato,

[...] eu fui daqueles alunos que entrou cedo na escola, nunca bombei, terminei na data certa [...] eu ainda não tinha, praticamente, virado travesti como eu era [...]. Então, eu não tive essa coisa de travesti dentro da escola, entendeu? De se vestir de mulher dentro da escola, então eu já tinha terminado, foi onde ficou mais fácil para mim.⁵¹

De acordo com ela, o fato de não ter iniciado suas transformações enquanto estava na escola contribuiu para que ela não tivesse seus desejos julgados pelos outros alunos. Assim, Doroteia considera que sua infância foi mais fácil, uma vez que não teve todas as suas vontades subjugadas e condenadas. O fato de ter optado por realizar suas transformações de forma gradual e não ter rompido abruptamente com as características que envolviam o gênero masculino

⁴⁹ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos: uma análise das práticas e representações das travestis na cidade de Ituiutaba (década de 1990 - 2019)*. [Entrevista concedida a] Gustavo de Souza Rubbi. Ituiutaba - MG, 31 maio 2018. p. 65.

⁵⁰ DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens...*, op. cit., p. 1.

⁵¹ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 3.

possibilitou que ela vivesse sua infância, na medida do possível, de forma tranquila e sem muitas complicações.

Apesar de a infância comumente ser um período de complicações e aprisionamento para as travestis, é preciso levar em consideração que, mesmo diante de imposições e restrições, os indivíduos e os grupos sociais tendem a produzir estratégias e práticas que buscam legitimar as suas escolhas e afirmarem suas representações. Como explicitado por Roger Chartier, cada indivíduo tem a sua concepção do social e a sua maneira de se diferenciar.⁵² Nesse sentido, segundo o autor, não há práticas ou estruturas que não sejam produzidas pelas representações contraditórias e confrontos por meio dos quais os indivíduos e os grupos atribuem sentidos ao mundo.

Assim, é preciso entender o período da infância desses sujeitos como um momento marcado por conflitos e pela busca de afirmação de seus interesses específicos. Nesse sentido, mesmo sendo obrigadas a satisfazer as vontades de seus familiares, Aurora e Doroteia, desenvolviam em suas práticas cotidianas, mecanismos para imporem suas concepções de mundo e seus valores. Portanto, mesmo Aurora sendo a todo momento obrigada por sua mãe a performar sua masculinidade, ela encontrou nas suas vestimentas maneiras de performar sua feminilidade. Como relatado por ela: “Eu odiava as minhas roupas! Mas sabe o que eu fazia? Eu usava esses shortinhos [...]. Bem curtinho! Aí sim eu usava [...]. Minha mãe percebia, mas não falava nada”.⁵³ A mãe a obrigava a utilizar roupas masculinas, entretanto como forma de representar seus desejos femininos, Aurora utilizava as roupas mais curtas possíveis. Nesse sentido, as roupas curtas de Aurora representavam uma forma de tentar fazer prevalecer seus desejos e vontades. É possível notar que mesmo sob o estigma da vergonha e as constantes imposições que marcaram a trajetória de Aurora, ela desenvolveu formas de satisfazer suas vontades e, em certa medida, conseguir representar seus desejos de se tornar feminina. Desse modo, percebe-se que mesmo sujeitada a mecanismos de ordem impostos por uma lógica heterossexual, Aurora através da prática cotidiana de fazer uso de vestimentas curtas consegue subverter a norma estabelecida e satisfazer suas vontades momentâneas.

⁵² CHARTIER, Roger. O mundo como representação..., op. cit. p. 183.

⁵³ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 18.

No caso de Doroteia, a prática encontrada por ela para representar minimante suas expectativas e romper com o espaço de ordem vigente foi se relacionando e se interessando por meninos. Segundo ela, assumir-se primeiro como homossexual foi a maneira encontrada para satisfazer seus desejos, mas, ao mesmo tempo, não romper bruscamente com as expectativas e interesses de sua mãe. Identificar-se como homossexual significava não romper subitamente com seus atributos masculinos, fazendo assim sua mãe se acostumar aos poucos com sua nova identidade em construção.

Observa-se, a partir das experiências de Aurora e Doroteia que os mecanismos de ordem são utilizados pelos atores sociais como suportes para múltiplas produções e inovações. Conforme argumentado por Michel de Certeau, a ordem “é um conjunto de imposições estimuladoras da invenção, uma regulamentação para facilitar as improvisações”.⁵⁴ Nesse sentido, nota-se que, apesar de Aurora e Doroteia terem tido durante suas infâncias seus corpos e identidades relegados ao campo da vergonha, do escárnio e se aproximado do estigmatizado, elas encontraram por meio das mais variadas práticas cotidianas – seja pelo uso das roupas curtas de Aurora, seja por meio das relações homoafetivas de Doroteia – formas de confrontarem os mecanismos estabelecidos pela lógica heterossexual.

Outro fator comum à multiplicidade das experiências que envolvem a infância das travestis e que é possível identificar nos relatos de Aurora e Doroteia diz respeito ao fato de que a construção de suas respectivas identidades de gênero se deu ao longo do tempo de forma fluída e variada. Aurora, ao ser questionada sobre sua infância, aponta que desde muito pequena já olhava diferente para os outros meninos e que, mesmo não entendendo, sabia que sentia desejos por eles. Esse fato também é identificado na fala de Doroteia que ressalta que, desde os seus sete anos de idade, já sentia algo de errado com sua identidade.

Como apontado por Marcos Benedetti, as travestis entendem de modo bem peculiar a construção do masculino e do feminino. Segundo o autor, esses indivíduos não se prendem fixamente às normas de gênero, podendo assim performar características de ambos os sexos.⁵⁵ Nesse sentido, os processos de construção de gênero das travestis se dá, de acordo com Benedetti, desde a infância, de forma múltipla.

⁵⁴ CERTEAU, Michel. Introdução, op. cit., p. 50.

⁵⁵ BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita...*, op. cit., p. 25.

Por meio das narrativas construídas por Aurora e Doroteia é possível observar os aspectos de fluidez que envolvem a construção do gênero das travestis. Partindo da observação dos sujeitos da pesquisa, nota-se que, desde a infância, elas já buscavam se identificar com características e objetos tidos como tipicamente pertencentes ao universo feminino. Desse modo, percebe-se que os processos de transformações de gênero costumam ter início na infância. Foi nessa fase que Aurora e Doroteia começaram a perceber que tinham algo de diferente em relação aos outros meninos.

Diante do exposto, percebe-se a infância das travestis como um período marcado por seus horizontes de expectativas. Como apontado por Reinhart Koselleck, a expectativa e a experiência são categorias históricas que indicam a forma pela qual os sujeitos entendem o espaço e o tempo. Nesse sentido, o horizonte de expectativa está relacionado ao modo como, no presente, os indivíduos antecipam o futuro.⁵⁶ No caso da trajetória de vida de Aurora, a infância significou, em grande parte, o desejo de tornar-se feminina e o anseio por mudanças em sua aparência. Para Doroteia, a infância representou um momento de antecipação de suas vontades e como um período marcado por seus anseios com o corpo e por expectativas de atingir mudanças em sua identidade.

Ao analisar os depoimentos de Aurora e Doroteia é necessário considerar que suas falas passam por um processo de reconstrução e seleção. Assim, como argumentado por Verena Alberti, ao ouvirmos um entrevistado temos uma sensação de continuidade, a ilusão de uma história absolutamente coesa e sem lacunas. No entanto, não quer dizer que podemos reproduzir o passado em toda sua complexidade ou que podemos reestabelecer o vivido. Segundo Alberti, a entrevista nos revela pedaços do passado, “ [...] encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito. Através desses pedaços temos a sensação de que o passado está presente. A memória, já se disse, é a presença do passado.”.⁵⁷ Dessa forma, os relatos realizados por Aurora e Doroteia a respeito de suas infâncias, estão tratando de seus horizontes de expectativas em relação ao futuro daquele período. Contudo, no momento das entrevistas, suas infâncias já são espaços de experiências. Agora, na fase adulta, elas reelaboram a percepção que tinham durante a fase da infância.

⁵⁶ KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”..., op. cit., p. 308.

⁵⁷ ALBERTI, Verena. O lugar da História Oral..., op. cit., p. 15.

Diante disso, é possível observar a infância como um período de formação de identidades. Nesse processo de construção identitária, Aurora e Doroteia passaram a perceber suas identidades de gênero de forma múltipla e suas respectivas infâncias com um tempo de anseios e de vontades de atender às necessidades femininas que estavam relacionadas ao processo de construção de suas identidades.

1.2- O vislumbre do feminino: descobrindo novas possibilidades corporais e identitárias

*Eu tinha quinze anos quando eu entendi o que eu queria ser [...] fui crescendo, fui vendo outras travestis [...]. Eu falava: é isso que eu quero! Parece que é isso que eu sou e é isso que eu tenho que ser! [...]. É isso que eu sou e ninguém vai tirar isso de mim!*⁵⁸

Aurora Bertolina

Após vivenciarem uma infância marcada por uma multiplicidade de experiências, Aurora e Doroteia, com o início da adolescência têm intensificadas as expectativas com seus corpos e identidades. Nesse sentido, as expectativas que foram reprimidas e negadas na infância, precisavam ser atendidas. Como demonstrado no fragmento acima, o primeiro contato com sujeitos travestis reforça os desejos e anseios que estiveram presentes no início de suas vidas.

Nos estudos que abordam a temática, nota-se que geralmente a adolescência é um período no qual as travestis iniciam diferentes modificações em seus corpos e têm o desejo cada vez mais explícito de se tornarem femininas. Como argumentado por Don Kulick, a partir do momento que os meninos que tiveram sua infância marcada por experiências femininas travam contato com travestis mais velhas e experientes, acentua-se o desejo em se aperfeiçoar e se completar como feminino.⁵⁹ Nesse sentido, a investigação da constituição da identidade travesti na adolescência possibilita a compreensão dos elementos que envolvem a cultura desses indivíduos.

⁵⁸ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 17.

⁵⁹ KULICK, Don. *Travesti...*, op. cit. p. 81.

A partir da análise da constituição da identidade travesti na adolescência, percebe-se que é nesse momento que esses indivíduos buscam maneiras concretas de construírem e representarem suas vontades femininas. Nos casos de Aurora e Doroteia, é nesse momento que elas vão se esforçarem para construir os atributos femininos de seus corpos. Com isso, é a partir da adolescência que os corpos de Aurora e Doroteia adquirem o caráter de transpor suas marcas identitárias. Conforme argumenta Guacira Lopes Louro, o corpo representa um espaço de diversidade no qual se ensaiam tentativas de subversão das fronteiras de gênero.⁶⁰ Assim, por meio de roupas e perucas elas vão descobrir novas possibilidades com seus corpos e identidades.

De acordo com a fala de Aurora, desde seus quinze anos de idade, ela começa a ter um entendimento mais claro sobre as questões que envolvem seu corpo e sua identidade. Nesse sentido, percebe-se que é no início da adolescência e a partir do contato com a identidade travesti que seus desejos e vontades de modificações corporais e mudanças mais profundas em sua identidade, tornam-se mais presentes em sua experiência.

Em seu relato, Aurora evidencia que foi a partir de incentivos de seu primeiro namorado que se intensificaram seus desejos femininos. Segundo ela, “Nas festas de escola eu conheci um rapaz [...]. Eu comecei a me relacionar com esse rapaz. A gente começou a sair e ele falou: você tem um corpo diferente! Você tem vontade de se montar?”.⁶¹ A constatação de seu companheiro de que seu corpo era genuinamente feminino, com curvas e modelagens que o diferenciavam dos atributos masculinos, contribuiu para que ela iniciasse suas transformações. No início, os primeiros elementos que faziam parte das modificações de Aurora, eram as unhas, perucas e roupas.

Assim como na sua infância, a adolescência de Aurora também foi marcada por inúmeros casos de agressão. Quando ela iniciou suas transformações, utilizando perucas e unhas, sua mãe não quis mais aceitá-la em casa, como relatado em entrevista: “Minha mãe me proibia [...]. Ela queria me bater [...], mas eu falei: Não! Se você não quiser me aceitar do jeito que eu sou, eu vou embora! Mas eu não vou mais me esconder”.⁶² Conforme apontado por ela,

⁶⁰ LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

⁶¹ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 18.

⁶² Ibidem, p. 19.

sua mãe a proibia de se vestir como feminina em sua casa. Assim, todos os elementos usados para caracterizar seu feminino ficavam na casa de suas amigas.

No caso de Doroteia, é relatado que as intensificações de suas vontades femininas e o aumento de seus desejos de mudanças corporais ocorrem com o início dos seus dezoito anos. Desse modo, para além de suas unhas e perucas, ela vai buscar formas mais permanentes de afirmar seu feminino. No decorrer de sua adolescência, Doroteia tem suas primeiras relações sexuais e, como enfatizado por ela, “eu nunca fiquei com mulher, eu nunca beijei, eu nunca nem nada, sempre com homem, sempre homens! ”.⁶³ De acordo com ela, seus desejos e vontades sexuais sempre estiveram relacionados com os homens e ela sempre teve muita dificuldade de se relacionar com mulheres.

Diante das experiências de vida de Aurora e Doroteia, percebe-se a variedade de processos identitários pelos quais os sujeitos travestis passam para se construírem enquanto feminino. Ao longo de sua adolescência, Aurora precisava a todo momento construir e desconstruir seu corpo, seja para agradar sua mãe e continuar morando com ela ou para satisfazer suas vontades que estavam cada vez mais intensificadas. No caso de Doroteia, ela precisou realizar suas transformações de forma lenta para não decepcionar as vontades de sua família. Como argumentado pela autora Larissa Pelúcio, essa multiplicidade de processos identitários pelos quais as travestis passam para se construírem enquanto femininas pode ser definida pelo conceito de travestilidades. Esse termo indica a multiplicidade das experiências relacionadas à construção e desconstrução dos copos desses sujeitos.⁶⁴ Essas (des)construções ocorrem devido às experiências da maior parte das travestis serem construídas dentro de espaços heteronormativos.⁶⁵

No entanto, mesmo diante do fato de as experiências de Aurora e Doroteia terem sido submetidas a um conjunto de normas e padrões heteronormativos, isso não impediu que elas modificassem suas identidades e seus corpos. Assim, é possível perceber que a estratégia

⁶³ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 96.

⁶⁴ PELÚCIO, Larissa. *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. 313f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). São Carlos: Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, 2007. Disponível em: < <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1399?show=full>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

⁶⁵ Esse conceito, refere-se a um conjunto de normas prescritas que marcam toda a ordem social, os conjuntos de instituições e as orientações práticas dos indivíduos.

utilizada por Aurora para construir seu feminino e atender suas vontades, foi realizar suas construções corporais na casa de suas amigas.

Os processos de construções e desconstruções corporais dos sujeitos entrevistados estiveram relacionados ao longo de suas adolescências ao estigma da vergonha. Como relatado por Aurora e Doroteia, elas preferiam, em alguns momentos, abrir mão de seus atributos femininos e performar suas características masculinas como forma de evitar agressões de seus familiares e dos colegas da escola. Nesse sentido, constata-se que tanto Aurora quanto Doroteia tiveram suas identidades travestis construídas por meio de ambiguidades e de uma confusão de códigos masculinos e femininos. Seja para agradar seus desejos ou para manter as vontades dos seus familiares, elas estavam a todo momento construindo e desconstruindo sua identidade. Tiago Duque propõe pensar esses processos de montagens e desmontagens a partir do conceito de montagem estratégica.⁶⁶ Como argumentado por ele, a construção da feminilidade dos sujeitos travestis vai ser movida por uma manipulação da vergonha e para transitar na escala de exposição à violência. Portanto, evitando grandes conflitos com seus familiares Aurora e Doroteia optam, no início de suas transformações, por performar suas masculinidades dentro da casa de seus pais.

Diante disso, constata-se que em certa medida os processos de montagens e desmontagens de Aurora e Doroteia estavam relacionados à questão da sobrevivência. Portanto, como relatado por elas, para continuarem morando com seus familiares precisavam performar suas características masculinas. Esse fator só irá se alterar quando Aurora e Doroteia encontram meios para se sustentarem sozinhas.

Observa-se tanto na fala de Aurora quanto na fala de Doroteia que suas experiências na adolescência foram em grande parte marcadas e movidas pelos seus desejos. Assim, mesmo diante das imposições de seus familiares, elas desenvolvem táticas e estratégias para atingirem suas vontades. Partindo dos sujeitos de sua pesquisa, Duque percebe as experiências individuais por meio dos fluxos desejantes. Como argumentado por ele, o desejo é um sistema de signos que vai agir de forma consciente ou inconsciente no campo social.⁶⁷ Dessa forma, antes de

⁶⁶ Conceito analítico proposto pelo autor para pensar a construção e desconstrução da feminilidade travesti.

⁶⁷ DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens...*, op. cit., p. 106.

atenderem aos interesses de seus familiares Aurora e Doroteia vão se valer das mais diferentes estratégias para atingirem seus desejos femininos.

Outro fator que contribuiu para o entendimento de Aurora com seu corpo e sua identidade foi o contato com outros indivíduos travestis. Esse contato deu-se pela primeira vez na escola com outros amigos que também estavam no mesmo processo de construção que ela. Como relatado, a conversa com amigos da escola contribuiu para que ela afirmasse suas vontades e tomasse coragem para iniciar suas transformações. Verifica-se, com isso, a importância da sociabilidade para a construção da identidade travesti, pois foi por meio de diálogos com seus colegas que Aurora conseguiu compreender melhor os elementos que envolviam sua identidade. Essa sociabilidade foi importante também porque foi por meio de suas amigas que Aurora teve o contato com hormônios que ajudaram em sua transformação corporal. Nesse sentido, é possível pensar a escola como um espaço de sociabilidade que possibilitou a Aurora driblar os aspectos heteronormativos presentes no ambiente familiar. Portanto, mesmo ela tendo relatado diversos casos de agressões que marcaram sua experiência escolar, foi esse ambiente que proporcionou melhor compreensão a respeito dos aspectos de sua identidade.

O estudo dos espaços de sociabilidade e de convívio dos indivíduos travestis possibilita o entendimento de elementos que constituem a identidade desses sujeitos, uma vez que a análise desses ambientes torna mais claros os diferentes padrões culturais que constituem a formação desse grupo. De acordo com José Guilherme Cantor Magnani, o estudo das formas de sociabilidade e interação dos indivíduos, permite identificar as estratégias que os atores sociais utilizam para estabelecerem encontros e trocas. Além disso, proporciona um estudo dos fatores que envolvem a construção de suas personalidades.⁶⁸

Nesse sentido, é preciso entender a adolescência não como um período etário em que predominam naturalmente as mudanças e as dúvidas, mas sim como um período repleto das experiências da infância, que vão, em grande medida, marcar as expectativas desses sujeitos na adolescência. Como afirmado por Reinhart Koselleck, “o futuro histórico nunca é o resultado

⁶⁸ MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, vol.15, n.32, p.129-156, 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

puro e simples do passado histórico.”.⁶⁹ Portanto, cada momento do presente dos indivíduos está sendo marcado por experiências que, em certa medida, modificam e influenciam seus futuros. O autor atesta que não se deve deduzir as expectativas apenas a partir das experiências, uma vez que não há garantias de que os acontecimentos sucederão como esperado. Entretanto, deixar de basear-se nas experiências também seria um equívoco, pois, para o autor, por mais que não se possa estabelecer uma relação imediata entre essas categorias é inegável que as expectativas vão conter elementos da experiência. Assim, o tempo histórico transcorre na tensão entre experiências e expectativas.

Dessa forma, as expectativas que estiveram presentes na infância e na adolescência contribuem para construir as experiências de vida de Aurora e Doroteia. Portanto, com a chegada da fase adulta as experiências que construíram as trajetórias de vidas desses sujeitos, vão estar presentes e em certa medida motivam suas escolhas e suas expectativas de futuro.

⁶⁹ KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”..., op. cit. p. 312.



Capítulo 2 - Da *montação* à construção definitiva: o surgimento da identidade travesti

*Ser travesti é ser uma pessoa sempre imprevisível, uma pessoa cheia de felicidade, alegria e coisas boas, mas também coisas ruins. [...] hoje eu não importo mais se gostam de mim ou se me olham diferente [...], hoje eu não estou nem aí! Ser travesti acho que foi a melhor coisa que já me aconteceu! Eu me descobri, sou feliz e satisfeita com meu corpo e não tenho nada para reclamar! Sou isso e gosto de ser o que eu sou! Ser travesti é você sair daquele corpo de menino e virar uma linda mulher!*⁷⁰

Aurora Bertolina

Após as experiências da infância, Aurora e Doroteia desenvolvem novas táticas e estratégias para sobreviverem aos conflitos da vida adulta. Nessa fase, para além das unhas, maquiagens e roupas que envolviam sua *montação*, elas buscam artifícios definitivos para construir sua identidade e seu corpo. Os elementos que envolviam uma *montação* efêmera, não são mais suficientes para satisfazerem suas vontades e expectativas de se tornarem femininas. Assim, elas vislumbram em seus corpos formas de produzir e inventar o feminino.

Diante disso, a primeira parte deste capítulo, intitulada *Por baixo de cabelos e maquiagem: a revelação da identidade travesti*, busca analisar e compreender as principais mudanças corporais e identitárias que marcam essa fase. Dessa forma, esse subcapítulo pretende debater as seguintes questões: quais os sentimentos estabelecidos com o novo corpo? Como as transformações corporais são realizadas? O que motivou as transformações definitivas? E, a partir dessas transformações, que outras mudanças teriam ocorrido?

A construção cada vez mais concreta dos atributos femininos acaba resultando em conflitos mais intensos das travestis com os demais segmentos sociais. No caso de Aurora e Doroteia, não foi diferente, pois com a afirmação de uma identidade travesti e com um corpo cada vez mais feminino, a aceitação por parte de seus familiares e da sociedade torna-se complicada. Na maioria das vezes, os indivíduos buscam na prostituição estratégias para

⁷⁰ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 32.

sobreviver. Assim, Aurora e Doroteia fazem do primeiro contato com a prostituição uma prática cotidiana.

Diante do exposto, na segunda parte do capítulo, intitulada *Análise da trajetória na prostituição: do primeiro contato à prática cotidiana*, pretende-se compreender como se deu a entrada desses sujeitos na prostituição. Com isso, esse item objetiva responder às seguintes questões: o que leva esses indivíduos para a prostituição? Qual a relação da família com a prática? Quais as estratégias utilizadas para atrair clientes?

Da aproximação e do contato com a prostituição, novas dúvidas e anseios começam a surgir nas vidas de Aurora e Doroteia. Para além dessa prática, esses sujeitos projetam expectativas de futuro. Por fim, a última parte deste capítulo, intitulada *Para além da prostituição: as expectativas e representações de um futuro travesti*, busca compreender como esses sujeitos se entendem no presente e anseiam por seus futuros. A partir do apresentado, esse item propõe a análise das seguintes questões: como Aurora e Doroteia acham que a sociedade as vê e como elas entendem seu papel? Como é o mercado de trabalho para as travestis? Quais os anseios, expectativas e desejos para além da prostituição? O que o futuro significa para Aurora e Doroteia? E quais são os seus planos de vida?

2.1- Por baixo de cabelos e maquiagem: a revelação da identidade travesti

Eu coloquei na bunda o silicone industrial, não tive medo nenhum! Medo nenhum! Agora já o peito, foi prótese... e sinceridade se eu pudesse voltar atrás eu não tinha colocado não, porque dói demais! É uma dor muito... descomunal e eu acordei no meio da cirurgia... Nossa senhora! É uma dor que não tem fim, dói!⁷¹

Doroteia Ridel

A compreensão dos processos que envolvem as mudanças corporais possibilita o entendimento de elementos que constituem a cultura e a identidade travesti. Nesse sentido, esses indivíduos passam por uma variedade de processos identitários para se construírem e se

⁷¹ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 10.

representarem enquanto femininos. Como exemplificado no fragmento acima, Doroteia busca em suas transformações maneiras concretas e permanentes de afirmar seus desejos e anseios de tornar-se feminina. Dessa forma, para além de cabelos e maquiagens, tanto Doroteia quanto Aurora utilizam-se de hormônios, implantes e próteses para satisfazerem seus desejos de obter corpos femininos.

Por meio da fala das entrevistadas, é possível perceber que um dos primeiros passos para a construção de corpos femininos é a utilização de hormônios.⁷² Na experiência de Aurora, o contato com o medicamento deu-se por recomendação de outras travestis e pelo desejo de obter curvas femininas. As relações de amizade estabelecidas por ela favoreceram, em certa medida, a tomada da decisão e o acesso ao medicamento, pois, de acordo com ela, foram as amigas que falaram:

[...] você toma hormônio? Eu respondi que nunca tomei, e elas me disseram: Você vai tomar e você vai notar que seu peito vai crescer. Eu perguntei: Nossa meu sonho! Vai ficar assim, igual aos seus? Elas disseram que iria, aí eu fui com elas. Era aquele anticoncepcional para mulheres, no nosso organismo faz outro efeito, no organismo masculino.⁷³

Segundo relatado, o medicamento era comprado em qualquer farmácia e administrado pelo farmacêutico. Conforme descrito no fragmento acima, o medicamento era um anticoncepcional feminino e que agia muito rápido em seu organismo. Entretanto, Aurora aponta que o remédio a prejudicou muito pois ela “[...] ficava muito irritada, dependendo do que a pessoa me falava eu chorava ou eu ficava muito irritada e brigava e xingava todo mundo. Eu comia muito e eu falei: Não, isso não é para mim. Eu tomei mais ou menos, umas cinco ou seis vezes.”⁷⁴

⁷² Don Kulick, realiza um levantamento importante sobre a quantidade, venda e formas de utilização desses comprimidos, apontando que “Existem cerca de vinte medicamentos à base de hormônios no mercado brasileiro. As embalagens desses medicamentos trazem a advertência inequívoca, em letras brancas sobre fundo vermelho: “venda sob prescrição médica”. As bulas contêm informações sobre os riscos, além de trazer avisos de que o produto só deve ser utilizado sob orientação médica. Ver mais em: KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008. p. 84.

⁷³ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 20.

⁷⁴ Idem.

No caso de Doroteia, suas modificações corporais também se iniciaram pela administração de hormônios. Como retratado, o medicamento contribuiu para a obtenção e definição de suas curvas, porém depois de muitos anos fazendo uso, ela percebe que “[...] chegou um momento que começou a me fazer mal! Eu comecei a perder a respiração, a ficar com o coração disparado demais, ai larguei de mão.”⁷⁵ Na maioria das vezes, é comum encontrar entre os estudos que se dedicam ao tema as reclamações das travestis relacionadas ao fato de que o uso do medicamento causa náuseas, dores de cabeça, palpitação e ganho de peso. Como exposto por Marcos Benedetti, além dos efeitos físicos e comportamentais, os principais sintomas colaterais relatados pelas informantes parecem ser “retenção de água pelo organismo; diminuição do apetite sexual e da possibilidade de ereção; propensão a varizes; apatia; pouca disposição física”.⁷⁶

Mesmo com todas as implicações e contraindicações, nota-se que o uso de hormônios pelas travestis é valorizado porque, na maioria das vezes, eles custam pouco, são de fácil obtenção e funcionam de forma rápida. Entretanto, como mencionado por Kulick, a utilização de hormônios em alguns casos “estabelece uma espécie de linha divisória entre as travestis de verdade e o que as travestis chama de “transformistas””.⁷⁷ Na realidade dos indivíduos com que tive contato nesta pesquisa, não é possível identificar falas que apontam claramente para a associação da utilização de hormônios com uma identidade travesti. Pelo contrário, tanto Aurora quanto Doroteia valorizam a autoidentificação dos indivíduos com a cultura travesti muito mais do que propriamente a utilização de hormônios. Assim, os fatores anatômicos e fisiológicos que costumam classificar e categorizar os indivíduos travestis e *trans* não se aplicam nas concepções das entrevistadas.

Marcos Benedetti argumenta que, seguindo a lógica do grupo por ele estudado, as travestis são sujeitos que “promovem modificações nas formas do seu corpo visando deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres [...]. Em contraste, a principal característica que

⁷⁵ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 9.

⁷⁶ BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita...*, op. cit., p. 78.

⁷⁷ O autor classifica que as transformistas são homossexuais masculino que durante o dia se comportam como homens, mas que a noite se vestem como mulher, seja para frequentar boates gay seja para se prostituir. Ver mais em: KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008. p. 83.

define as transexuais nesse meio é a reivindicação da cirurgia de mudança de sexo”.⁷⁸ Diferentemente da realidade analisada pelo autor, Aurora e Doroteia apontam que *ser travesti* ultrapassa as barreiras de montagem do corpo, aplicação de silicone e usos de hormônio, mas envolve questões subjetivas e internas. Portanto, reforçando o que foi mencionado, na experiência das informantes a diferenciação dos termos *trans* e *travesti* age por meio da autoidentificação muito mais do que por atribuição

Outro passo que costuma ser muito importante no processo de revelação do sujeito travesti é a escolha do nome. É possível perceber, com base no material coletado nas entrevistas, que o nome atua como um elemento simbólico e que atribui a Aurora e Doroteia o pertencimento de seus anseios ao campo do feminino. Como expressado por elas, um momento marcante em suas trajetórias foi a associação de seus corpos com seus nomes femininos. Esse momento é relembrado por Aurora na entrevista, com muito entusiasmo “Eu nunca esqueço a primeira vez que eu sai e conheci um rapaz e ele falou o meu nome: Aurora. Ah, mas eu achei tão bom.”⁷⁹ Nota-se assim, que em certa medida, a aceitação do seu nome pelos demais segmentos sociais, determina simbolicamente seu ingresso em uma identidade social relacionada ao feminino.

Pode-se observar nas trajetórias representadas pelas informantes que a escolha dos nomes atua como um ritual de passagem entre as travestis. Tanto Aurora quanto Doroteia, tiveram seus nomes escolhidos em conjunto com suas amigas travestis. No caso de Aurora, no início de suas transformações, ela já havia escolhido a forma como queria ser chamada, entretanto a escolha foi alterada por recomendação de sua amiga:

No começo eu falava que meu nome era Alasca. Eu não entendia o porquê. Aí eu tinha uma amiga que morava na mesma rua que eu [...]. Ela me deu umas roupas lindas e eu tirando foto e ela falou: Nossa você tem nome de Aurora! Aurora é o seu nome! Eu falei: Nossa, eu amei esse nome! É o meu nome, esse é o nome que eu quero para a minha vida! Aí foi, Aurora pegou.⁸⁰

Doroteia também expõe a ajuda de uma amiga para a escolha de seu nome “[...] ela chegou e falou assim: cê tem cara de chamar Doroteia. Eu falei: gente mas Doroteia é nome de

⁷⁸ BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita...*, op. cit., p. 18.

⁷⁹ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 20.

⁸⁰ Idem.

cachorro. Ela por isso mesmo e foi e ficou e eu deixei. Aí todo mundo me chamando de Doroteia e ficou”.⁸¹ Assim, com base nos fragmentos apresentados, parece haver entre as travestis um reconhecimento entre o grupo no momento de escolha dos nomes. Conforme a experiência de Aurora e Doroteia, elas passam a ser reconhecidas por outras travestis ao terem seus nomes delegados por amigas do meio.

Um aspecto que comumente costuma estar presente no processo de revelação das identidades travestis é a aplicação de próteses e silicones. Esse tipo de material é geralmente utilizado pelas travestis para trazer formas e definições para suas curvas. O silicone pode ser aplicado em praticamente todas as regiões do corpo e é valorizado por esses indivíduos porque tem efeito imediato e proporciona formas que não se atingem somente com o uso de medicamentos hormonais.

Doroteia possui duas aplicações de silicone: uma nos seios e a outra na região dos glúteos. A aplicação nos seios foi feita por meio de cirurgia plástica e aplicado por médico especializado. De acordo com ela, foi um procedimento muito dolorido e do qual ela se arrepende. Já a aplicação na região dos glúteos, foi realizada por uma *bombadeira*⁸² no estado de São Paulo. Doroteia expõe que o procedimento foi tranquilo e que não teve nenhum receio em realizá-lo. Ao ser questionada se a aplicação do silicone valorizou seu corpo e se agregou um maior interesse dos homens, ela responde:

[...] isso aqui é estético, é para gente se sentir bem! Homem não importa com isso [...] hoje em dia homem quer saber de outra coisa. É um complemento a mais porque o homem tem o fetiche por ser uma mulher com um pênis. Então tem peito, tem bunda bonitinha, redondinha, mas falar que eles gostam. É muito raro os homens que gostam. Eles gostam mais é de pênis! É isso que eles gostam!⁸³

Nota-se que o uso do silicone foi realizado por Doroteia como uma forma de ela se sentir bem com sua aparência. É possível observar que, em sua experiência, a aplicação do silicone

⁸¹ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 9.

⁸² Conforme exposto por Benedetti, *bombadeira* é o nome utilizado pelas travestis para nomear o indivíduo que aplica o silicone. *Bombaderia* vem do termo *bombar*, que representa o ato de injetar silicone. Ver mais em: BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 81.

⁸³ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 10.

não gerou um maior interesse dos homens pois, como retratado, os homens não estariam interessados em alguns atributos femininos de seu corpo, mas na fantasia da experiência com uma mulher com pênis.

No caso de Aurora, ela declara em entrevista que não sente necessidade em aplicar silicone para realizar suas transformações. Ela afirma estar satisfeita com suas curvas e definições. A satisfação de Aurora pode, em certa medida, estar relacionada com o fato de seu corpo possuir um grande reconhecimento, quanto aos atributos femininos, pelos demais segmentos sociais. Como exposto por ela, desde sua infância os médicos alertavam seus familiares sobre a possibilidade de possuir muito hormônio feminino em seu organismo: “toda a vida eu fui sempre diferente. Um short que os meninos vestiam, em mim ficava torando e apertado por ter muita perna e muita bunda, era diferente. Então isso me favoreceu para a transformação, demais!”.⁸⁴

Outro motivo que pode estar relacionado com a ausência de silicone no corpo de Aurora é o fato de não haver na cidade de Ituiutaba nenhuma *bombadeira*, ou seja, nenhuma pessoa que realize o procedimento de *bombar*. Além disso, por mais que a aplicação de próteses cirúrgicas esteja se tornando comum, ainda hoje o procedimento costuma demandar um grande investimento financeiro. A consciência dos riscos que a aplicação do produto pode gerar à saúde é mais uma das razões que pode estar relacionada à ausência de silicone em Aurora. Mesmo no caso de Doroteia, que já possui aplicação de silicone industrial,⁸⁵ ao ser questionada se pretende realizar mais alterações e procedimentos, ela afirma estar satisfeita com seu corpo. Em entrevista, ela relembra o caso da amiga que teve complicações devido ao uso do produto: “essa amiga teve pneumonia duas vezes. Na época ela tinha colocado um silicone não sei se foi na bunda ou no peito e parece que o silicone deu uma vazada para o pulmão. Aí foi onde ela teve problema e acabou falecendo”.⁸⁶

⁸⁴ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 22.

⁸⁵ Não é possível afirmar com certeza que espécie de produto Doroteia tem em seu organismo. Entretanto, de acordo com Benedetti, o silicone que geralmente é aplicado para modelagem do corpo é denominado de *lujol*, uma espécie de óleo mineral produzido para usos mecânicos. Ver mais em: BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 83.

⁸⁶ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 16.

Após realizarem suas modificações corporais e conseguirem, dentro do possível, associar suas vontades femininas com sua aparência, Aurora e Doroteia passam a estabelecer um novo sentimento com suas roupas e com seus corpos. No caso de Aurora, ela aponta que se sente muito melhor com as novas roupas e que gosta de realizar uma caracterização do feminino de forma sensual, fazendo o uso de vestimentas bem curtas e extravagantes.

A partir dos relatos realizados pelas informantes, é possível perceber que elas moldam seus corpos e identidades buscando sentirem-se mulheres. Entretanto, o feminino percorrido no processo de construção parece não abdicar completamente das características masculinas. Tanto Aurora quanto Doroteia evidenciam que, na maioria das vezes, o masculino é revisitado em suas relações sexuais. Ao ser questionada sobre o interesse que os homens têm em seu corpo, Aurora responde que: “Acho que tem interesse porque parece uma mulher, que não é mulher e tem um pênis e eles gostam, eles querem aquilo, é uma coisa diferente. Eu sempre falo que é diferente.”⁸⁷ Em outro momento, ela revela que a maioria de seus parceiros sexuais a procuram para que ela exerça a posição de ativa e dominante no sexo. Dessa forma, ela expressa a necessidade de se utilizar de seus artifícios e características físicas masculinas, como por exemplo a utilização de seu pênis para penetrar no parceiro. Doroteia também argumenta que o que chama a atenção em seus parceiros é a fluidez dos seus atributos femininos e masculinos e a forma como representa esses aspectos em seu corpo e em suas práticas. Conforme narrado por ela:

Homem geralmente procura travesti pelo tamanho do pênis. A que tiver o pênis maior interessa mais para ele, não importa se é bonita, se é preta se é branca, se é loira se é morena, eles gostam de travesti assim. E se a travesti for feminina e tiver um pênis grande, melhor ainda! Ai que é uma maravilha para eles!⁸⁸

Dessa forma, o feminino construído e concebido pelos indivíduos entrevistados é um feminino que não tem interesse em se igualar a uma mulher. Pelo contrário, é um feminino que se monta entre a fluidez dos sexos e que, na maioria das vezes, é evocado (seja o masculino ou o feminino) de acordo com cada contexto e situação.

⁸⁷ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 25.

⁸⁸ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 5.

Benedetti aponta que o gênero das travestis se pauta em um feminino travesti. Esse feminino é negociável, reconstruído e ressignificado por esses indivíduos. Como argumentado pelo autor,

Um feminino que se quer evidente, mas também confuso e borrado, às vezes apenas esboçado. O feminino das travestis é um constante jogo de estímulos e respostas entre o contexto específico de determinada situação e os sentimentos e concepções da travesti a respeito dos domínios de gênero. É o feminino travesti.⁸⁹

Em perspectiva semelhante, Joan Wallach Scott apresenta que a categoria *gênero* é utilizada para designar as relações sociais entre o masculino e o feminino. Segundo essa definição, gênero é “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”.⁹⁰ Portanto, a construção do feminino realizado por Aurora e Doroteia é compreendida a partir de uma lógica variável e combinatória de práticas e valores tanto masculinos quanto femininos.

Diante do exposto, nota-se que à medida que Aurora e Doroteia tornam mais visíveis seus atributos femininos, as relações com seus familiares e com a sociedade tornam-se mais complicadas e instáveis. Relegadas ao campo do estigma, elas buscam na prostituição formas de sobreviver e de ter seus corpos e identidades aceitos.

2.2- Análise da trajetória na prostituição: do primeiro contato à prática cotidiana

O contato de indivíduos travestis com a prática da prostituição pode ocorrer de diferentes formas e por diferentes motivos. Em alguns casos, à medida que as modificações corporais e identitárias tornam-se mais aparentes, esses indivíduos acabam sendo expulsos de casa ou abandonam as residências familiares por livre escolha. Em outras situações, o contato com a prática ocorre devido à curiosidade e interesse das travestis em ter sua primeira relação sexual. Esse contato pode se dar ainda por meio de relações com travestis mais velhas e experientes e às vezes pela proximidade com possíveis namorados e clientes. Entretanto, é necessário ressaltar que as experiências desses sujeitos não são passíveis de generalização.

⁸⁹ BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita...*, op. cit., p. 96.

⁹⁰ SCOTT, Joan Wallach. *Gênero...*, op. cit., p. 7.

Existem exceções em que as travestis não recorrem ao mercado do sexo ao longo de suas trajetórias e encontram outras formas de apoio para sobreviverem e se afirmarem.

As relações sociais estabelecidas pelos indivíduos, em alguns casos, acabam ajudando a aperfeiçoar e a completar o seu ser feminino. O contato de Aurora com a prostituição é impulsionado, de certa forma, por uma experiência negativa com seu namorado e por uma procura dos homens pelo seu corpo. Como mencionado, após uma briga que gerou o fim de seu relacionamento, a curiosidade pela prostituição tornou-se mais forte. Ela expõe ainda que partir do momento que suas transformações se tornaram mais aparentes os homens começaram a ter um interesse e um desejo, sempre que a viam caminhando na rua,

[...] eu sempre fui de andar bastante e sai sempre bonita. Isso meio que despertava muito interesse, só que quando os homens me paravam e me procuravam na rua eu falava que não fazia programa e que jamais faria. Um dia eu estava subindo a rua sozinha e eu topei duas travestis, uma chamava Marcelinne e a outra é a Doroteia.⁹¹ Elas me toparam e falaram assim: Nossa você tem um corpo muito lindo! Você não tem vontade de ir para a avenida⁹², trabalhar? Eu falei: fazer o que, trabalhar na avenida? O que tem que fazer, como é que é? Porque eu não entendia. Falei que não tinha interesse porque eu tinha até namorado, mas que qualquer dia desses eu ia lá para conversar.⁹³

Diante disso, percebe-se que, na experiência de Aurora, um dos fatores que a levou para a prostituição foi sua curiosidade em entender como a prática funcionava. Desse modo, somando a experiência ruim de seu relacionamento com o seu interesse cada vez maior de entender a dinâmica do trabalho na *avenida*, Aurora decide entrar em contato com as travestis. A ida ao ponto de prostituição para entender como o trabalho funcionava é por ela descrita da seguinte forma:

Toda hora elas entravam em um carro. E os caras me chamando e eu escondia de vergonha, eu tinha vergonha! Eu era uma criança, eu era de menor, tinha uns dezesseis anos. Eu não entendia. Como eu briguei com esse namorado meu e a gente separou e de tanto eu ir para a avenida, um dia veio um rapaz, que foi meu primeiro programa. Ele era muito lindo! Ele perguntou: Vamos? E eu falando não, não vou não! Acabou

⁹¹ No início de suas transformações, Aurora tinha uma amizade com Doroteia. Foi ela quem deu as dicas e ensinou as estratégias para trabalhar com prostituição

⁹² Algumas travestis utilizam a expressão *ir para a avenida* para se referir à prática da prostituição.

⁹³ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 22.

que eu fui. Nunca tinha entrado em um motel, aí aconteceu e foi muito bom e aí eu ganhei dinheiro por isso, eu pensei: transar e ganhar dinheiro é muito bom!⁹⁴

De acordo com as falas de Aurora, é possível inferir que outro motivo que a levou para a prostituição pode estar relacionado com a busca por afeto e a necessidade de sentir seu corpo e identidade aceitos. Como relatado, no início de sua trajetória na prostituição,

Os clientes, começaram a querer sair comigo e eu escolhia os clientes. Eu não ia com qualquer homem que eu não achasse bonito. Eu comecei a me ver, nossa! Você ganha dinheiro e compra as coisas. Eu tinha essa amiga travesti que falava que era minha mãe. Ela morava com a mãe dela e a mãe dela comprava roupa e calçado, toda semana ela comprava roupa. Eu comecei a comprar roupa, sandália, salto, calçado e gostar daquilo. Quando mais linda eu ficava, mais eu ganhava dinheiro e mais eu era reconhecida pelos clientes.⁹⁵

Com o fim do relacionamento e com a procura cada vez maior dos clientes, ela vê nessa prática uma estratégia para ter sua identidade aceita de alguma forma pelos demais segmentos sociais. Nesse contexto, estratégia significa a ação de Aurora dentro de um mundo gerido por poderes visíveis e invisíveis de um “outro”. Como definido por Michel de Certeau, estratégia é o “cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolada”.⁹⁶ Dessa maneira, a prostituição pode representar para Aurora uma forma de afirmar sua identidade diante a sociedade.

Assim como na experiência de Aurora, Doroteia também é motivada por uma amiga a iniciar na prostituição. Em entrevista, ela relembra seu primeiro contato com a prática:

Quando eu entrei na prostituição foi assim, foi uma amiga minha travesti. É sempre assim. Uma vai puxando a outra e vai indo e assim foi. Essa amiga minha que falou vamos, vamos montar, vamos se vestir de mulher. A primeira vez que eu me vesti de mulher, parecia um dragão! Um cão chupando manga! Me montei, foi até no dia que ela me levou ganhei dinheiro mais que elas todas, ela ficou até com raiva, não queria que eu fosse mais. Novidade! Porque geralmente é assim, quem vai aparecendo mais novo, cliente vê e fica louco, porque está vendo que é carne nova, que é novidade já quer sair, quer experimentar, coisa nova né! Porque nem todo mundo gosta de comer arroz e feijão todo dia, então quer novidade e foi assim que eu entrei, por uma amiga.⁹⁷

⁹⁴ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 22.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 23.

⁹⁶ CERTEAU, Michel. *Estratégias e táticas*, op. cit., p. 99.

⁹⁷ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 7.

Diferentemente de Aurora, que faz sua entrada na prostituição com dezesseis anos, Doroteia tem o contato com a prática a partir dos seus dezoito anos. Ao ser questionada a respeito dos motivos para a entrada na prostituição, ela argumenta que

A questão da prostituição não é uma escolha. É o que a sociedade te empurra [...] como aqui é uma cidade pequena, a cabeça, a mentalidade das pessoas é muito pequena, então não tem muito espaço de serviço, não tem recurso para a gente tá trabalhando ou coisa assim. Então, a prostituição é a única válvula de escape que a gente tem.⁹⁸

O ingresso de Doroteia no mercado sexual foi, em alguma medida, a forma encontrada para sobreviver e conseguir ganhar dinheiro. Como exposto no fragmento, ela encontra muitas dificuldades em arrumar outro emprego e quando consegue, os salários costumam ser baixos. Ela declara que trabalhou na prefeitura de Ituiutaba por um determinado período e que apesar de ganhar menos gostava do emprego pelo fato de que,

[...] o dinheiro da prefeitura rendia mais do que a da prostituição. Não sei se é porque era um esforço que se via que se trabalhava o mês inteiro para naquele final do mês você receber aquele salário, prostituição não! Todo dia que você vai, ganha um dinheiro, nem que seja cinquenta, cem, cento e cinquenta.... Nem que seja dez! Mas alguma coisa se ganha. Você acomoda com aquilo, se sabe que todo dia se vai ganhar, então você sai gastando, gastando, gastando... é diferente..⁹⁹

Doroteia argumenta que preferia seu emprego temporário ao trabalho na prostituição e revela também que, se tivesse outra oportunidade, deixaria a prostituição pelo fato de que,

[...] vai chegando um tempo que você vai cansando, vai desgastando, cê vai vendo como que é o mundo da prostituição. Porque para quem tá de fora acha que a prostituição é mil maravilhas. Ah! Você vai ganhar dinheiro, você vai transar com todo tipo de homem, mas não é assim! Tem os prós e os contras também. É complicado, prostituição é complicado.¹⁰⁰

Com base na experiência das entrevistadas, nota-se que o contato com a prostituição não foi motivado somente por uma situação de pobreza. Para elas, a prostituição parece representar uma forma de resistência às normas sociais, uma maneira de fugir dos padrões impostos sobre

⁹⁸ RIDEL, Doroteia. Fora dos corpos..., op. cit., p. 3.

⁹⁹ Ibidem. p. 4.

¹⁰⁰ Idem.

o masculino e o feminino. Tiago Duque argumenta que em alguns casos a prostituição pode significar uma forma de negação dos paradigmas da normalidade.¹⁰¹ Nesse sentido, o contato com a prática foi uma das formas encontradas por Aurora e Doroteia para exercerem seu gênero e inserirem seus anseios e desejos no campo social.

Diante do exposto, é possível pensar em alguns elementos que configuram a organização do cotidiano na prostituição. Geralmente, as travestis consideram a prostituição como uma forma de trabalho. Elas costumam envolver nessa terminologia de trabalho as roupas utilizadas à noite nas *avenidas* e até mesmo um vocabulário próprio. Aurora e Doroteia utilizam-se da palavra *prostituta* para se referirem a si mesmas, denominam os homens que comprem seus serviços sexuais de *clientes*, utilizam a palavra *programa* para se referirem aos serviços prestados e denominam os espaços de prostituição de *zonas* ou *avenidas*. Quanto à caracterização das roupas, elas apresentam estilos diferentes. Doroteia argumenta ter um estilo mais básico e menos extravagante,

Eu sou assim, super dá básica da básica, porque geralmente quando você vai fazer programa, logicamente que o cliente gosta de travesti arrumada, bonita e tal, mas tem vez que o cliente não gosta que se passa perfume, porque as vezes o perfume pode ficar e chegar em casa a mulher pode descobrir. Não gosto de usar roupa pelada, não gosto de ficar mostrando bunda, mostrando peito nem nada, geralmente eu trabalho de shortinho de salto ou vestido, mas tudo tampado! Nada com a bunda e o peito de fora, eu não gosto!¹⁰²

Aurora, por sua vez, aponta que prefere um estilo mais sensual e ousado, “eu por exemplo, gosto de estar sempre bem vestida, sempre cheirosa, sempre perfumada, sempre bonita e arrumada e os clientes gostam bastante”.¹⁰³ Ressalta ainda, que gosta de “usar roupa sensual, gosto de estar sempre bem sensual é uma coisa minha”.¹⁰⁴

As entrevistadas declaram apresentar estilos próprios e maneiras singulares de se portarem. Entretanto, parece haver uma valorização de travestis que se constroem e atingem determinados padrões de beleza. Doroteia relembra a respeito de sua amiga que, de acordo com ela, era a travesti mais bonita que existia na cidade: “era peituda, bunduda, pernuda, narizinho,

¹⁰¹ DUQUE, Tiago. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas..., op. cit., p. 494.

¹⁰² RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 9.

¹⁰³ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 25.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 21.

loira, cabelo lá na bunda! Lindo, lindo, lindo! Humilde!”.¹⁰⁵ Como argumentado por Duque, na maioria das vezes, as travestis valorizam outros indivíduos que se constroem como “uma verdadeira europeia, a categoria êmica mais valorizada no meio travesti por denotar sucesso, enriquecimento e sofisticação”.¹⁰⁶ Essa categoria envolve muitos dos elementos citados por Doroteia, como cabelos loiros e traços finos, e em certa medida representa os objetivos que ela busca alcançar em suas transformações.

Outra característica que configura a prática da prostituição diz respeito ao valor dos serviços oferecidos. Parece haver entre as travestis um padrão estabelecido no preço do *programa*, como demonstrado por Doroteia:

Quando eu comecei a fazer programa naquela época lá atrás, que eu estou na prostituição já tem o quê? Quase dez anos! O programa era dez oral e vinte completo. Ai com o tempo a gente foi mudando. Hoje a gente passou cinquenta reais o oral e cem o completo. Aí varia, já fiz programa de cem, cento e cinquenta, de duzentos, de quatrocentos, varia! Que tem cliente que se pega que quer que se fique duas, três horas com ele, aí se vai cobrando por hora.¹⁰⁷

Mesmo existindo um certo valor estabelecido entre as travestis, esse padrão pode sofrer algumas variações dependendo do contexto e da condição que elas jugam que o cliente pode pagar, da necessidade que têm do dinheiro e da atração sentida em relação ao cliente. Doroteia informa que nos dias em que não está disposta para o trabalho o valor do *programa* pode aumentar:

[...] quando eu estou com ranço eu vou embora, eu dispenso o programa no meio do caminho, de lá na Napoleão Faissol pra cá. Aí eu tacho um valor absurdo pro cliente não ir. Mas já chegou do dia de eu não querer fazer programa, de eu tacho um valor absurdo e o cliente falar: não, vamos, eu vou pagar! E eu: vamos então! Que o valor era absurdo, compensava né?! Então vamos e aí você já anima mais um pouco!¹⁰⁸

Conforme relatado pelas informantes e com base nas observações realizadas dos espaços urbanos, parece haver duas *zonas* de prostituição com maior concentração de travestis. Uma localizada no cruzamento da avenida Dezanove com as ruas Dez e Doze e outra na avenida

¹⁰⁵ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 16.

¹⁰⁶ DUQUE, Tiago. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas..., op. cit., p. 492.

¹⁰⁷ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 5.

¹⁰⁸ Ibidem. p. 12.

Napoleão Faissol. O trânsito e permanência de travestis nesses espaços costumam ser controlados por indivíduos que estão há mais tempo no ramo. Doroteia, ao ser questionada sobre sua atuação nas *zonas*, informa que

[...] particularmente posso trabalhar onde eu quiser dentro de Ituiutaba. Aonde eu quiser! Eu não tenho restrição, não tenho quem me impeça. Mas eu trabalho aqui na Napoleão Faissol porque é mais perto da minha casa. Esse é um ponto de travesti bem mais antigo e que hoje nem vão lá mais. Aí foi mudando, foi mudando e as travestis mais nova ficou e eu fico aqui.¹⁰⁹

No caso de Aurora, ela afirma que quando iniciou na prostituição também trabalhava na Napoleão Faissol, porém,

[...] aconteceu das outras travestis implicarem porque quando eu comecei eu era novinha e muito bonitinha, então os clientes me esperava sair de um programa para sair comigo. Nisso, ninguém ganhava. Só eu estava ganhando, então elas acharam aquilo estranho, até que surgiu a máfia de começar a discutir, brigar e me tirar da avenida. [...]. Elas mesmas entre elas se uniram para me tirar de lá. E me levou para que? Quando no começo você é bobinha elas querem ter uma amizade, quando você não é tão bonita você serve para fazer companhia, depois que você fica linda, maravilhosa e você está ganhando o seu elas implicam! E não queriam aceitar eu lá de forma alguma! Aí eu fiquei na minha. Mas eu falei: eu aprendi a fazer isso, agora eu não vou parar. Eu fiz um ponto só para mim.¹¹⁰

Nesse sentido, mesmo as entrevistadas afirmando que na cidade não existem *cafetinas*¹¹¹ e que “em Ituiutaba a gente é autônoma, cada uma ganha seu dinheiro e pronto!”¹¹², parece existir uma certa hierarquia que determina quem pode e quem não pode trabalhar nos espaços. A posição ocupada pela travesti nessa organização, em certo ponto, depende da relação estabelecida com as travestis mais velhas, do grau de amizade com esses indivíduos e de certa forma pelo nível atingido nas modificações corporais. Como demonstrado por Aurora, à medida

¹⁰⁹ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 4.

¹¹⁰ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 23.

¹¹¹ Conforme explicado por Doroteia, *cafetinas* são mulheres que se intitulam donas da rua e cobram diária das travestis para poder trabalhar. De acordo com ela, essas mulheres prometem proteção e amparo em troca de dinheiro. Doroteia descreve que já trabalhou em Ribeirão Preto, em São José do Rio Preto, em Piracicaba e em Uberaba. Todos esses lugares tinham a presença da cafetina. Conforme narrado, os valores desses aluguéis variam entre vinte e setenta reais e, além disso, são cobradas outras tarifas, como energia e água.

¹¹² RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 8.

que suas transformações se aproximaram de atributos femininos e atraíram cada vez mais os olhares dos clientes, isso gerou um maior atrito com as demais travestis.

Além dos pontos de prostituição de rua, as travestis dispõem de outras formas para anunciarem seus serviços. Aurora e Doroteia fazem uso do espaço virtual oferecido pelo site *Fatal Model*¹¹³, o qual oferece campos de busca e diferentes tipos de filtros, sendo possível escolher a cidade e a preferência sexual (mulheres, *transex*, homens). As entrevistadas oferecem seus serviços no espaço destinado às *transex*. Ambas possuem perfis nessa rede social, nos quais constam informações como valor do *programa* e tipos de serviços oferecidos. De acordo com Aurora, os clientes que a procuram pelo site são,

[...] pessoas que gostam mais de discrição. Pelo site são as pessoas que são mais discretas que veem a foto e querem só uma foto para comprovar se realmente sou eu. Ai já marca, ou eu vou até o motel, ou me passa e me pega, ou eu atendo na minha casa, no meu local que eu moro sozinha não tem importância de cliente ficar indo na minha casa.¹¹⁴

Doroteia também faz uso do site, porém ela desenvolveu determinadas estratégias e utiliza o espaço com muita cautela,

Geralmente tem um anúncio na internet, que é um anuncio de garota de programa. Então ali tem seu perfil, tem suas fotos, a descrição do que você faz, do que você não faz, o valor do programa ele explica, confirma onde é, marca e vai. Eu geralmente para mim sair com cliente, ele me liga e eu só saio com ele a hora que ele me falar que tá no motel no quarto tal. Ai eu levanto, tomo banho, arrumo e ainda faço eles esperar! Levanto, arrumo, maquio e subo! Mas se falar assim, não pode se arrumando que eu estou no caminho, já tô indo. Não arrumo! Que eu já cansei de me arrumar e ficar esperando até. Estou esperando até hoje!¹¹⁵

É possível perceber que Aurora e Doroteia utilizam o site como forma de complementar seu trabalho, mas grande parte de seus serviços e encontros ainda acontecem nas ruas e avenidas. Conforme mencionado por elas, suas fontes de renda ainda são resultantes predominantemente do trabalho na avenida.

¹¹³ FATAL MODEL. *Fatal Model*, 2020. Ementa (O site Fatal Model disponibiliza a plataforma para que acompanhantes possam divulgar seu trabalho. Vale lembrar que o conteúdo do anúncio é de responsabilidade do anunciante e que o Fatal Model é apenas uma rede social.). Disponível em: <<https://fatalmodel.com/>>. Acesso em: 04, maio 2020.

¹¹⁴ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 26.

¹¹⁵ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 11.

As entrevistadas relatam não haver uma rotina muito definida no trabalho com a prostituição. Doroteia afirma que ela mesma faz seus horários e define os dias de trabalho, considerando que a prostituição é

[...] muito relativa, porque tem muitas pessoas que acham que você só faz programa a noite, não! Às vezes cê tá dormindo e o telefone toca, é cliente querendo, aí se levanta vai. Às vezes quando eu faço muito programa durante o dia, a noite eu nem saio de casa eu fico em casa, então isso varia. Eu vou dia que eu quiser, se eu falar hoje eu não tô a fim eu fico em casa, não saio, não vou!¹¹⁶

Aurora aponta que, por um determinado período, trabalhou como administradora e garota de programa em uma boate. Segundo ela, o trabalho era muito desorganizado e devido a isso preferia trabalhar na rua e por conta própria. Ela ressalta também que trabalhar por conta própria proporciona uma flexibilização em seus horários:

[...] tem dia que eu não quero programa e eu não faço. Tem dia que eu preciso muito e eu vou e tem dia que eu não preciso de sair, mas eu saio porque não tem nada para fazer. Mas antigamente eu era de segunda à sexta, trabalhava todos os dias na avenida, todos os dias! Todo cliente que me ligava eu atendia. Sábado e domingo eu tirava para mim, para mim sair e curtir, mas se sai pra curtir sempre tem um que quer, aí eu acabava indo. Hoje não, quando eu saio para curtir eu saio para me divertir se aparece um cliente, hoje eu não tô atendendo. A gente tem que ter um momento da gente trabalhar e o momento da gente se divertir.¹¹⁷

De acordo com as entrevistadas, elas já foram para várias cidades para trabalharem com prostituição. Entretanto, elas optaram por permanecer em Ituiutaba. Um dos motivos para a permanência está relacionado ao fato de que ambas ajudam financeiramente a seus familiares. Outra razão para a permanência na cidade é que “aqui é calmo, tranquilo e dá para você trabalhar e sobreviver. Então eu prefiro a calmaria daqui”.¹¹⁸

Outro elemento que envolve o cotidiano na prostituição diz respeito aos espaços e locais em que a prática acontece e ao perfil dos *clientes* que buscam pelos serviços. As informantes relatam que os locais são os mais variados possíveis, podendo ser desde motéis a ruas vazias. Doroteia afirma que,

¹¹⁶ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 4.

¹¹⁷ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 25.

¹¹⁸ Idem.

[...] já fiz programa em tudo quanto é lugar que vocês imaginar, mato, motel, casa de cliente, na rua, em cima de capo de carro, em tudo quanto é lugar, não tem isso! Achou uma brecha para ganhar o dinheiro, a gente vai. E o cliente quer fazer o programa, vai também, não tem isso, mas o meu público hoje em dia é mais motel. Só que hoje em dia eles preferem mais travesti que mora sozinha, que tem local, porque foi passando um tempo eles não têm gostado muito de motel, então se você tem local é melhor ainda.¹¹⁹

Como informado, a grande maioria dos *clientes* optam por travestis que *possuem local*¹²⁰ e que moram sozinhas. Uma das razões dessa preferência diz respeito à busca dos *clientes* por discrição e sigilo. Ter *local* também representa uma vantagem para a travesti, pois, como dito por Doroteia, “se você tiver local, você já pode cobrar o seu valor do programa mais o dinheiro do motel incluso”.¹²¹ Aurora afirma que quando se trata de *clientes*, “tem de tudo! De senhor de idade a novinho de quinze anos”.¹²² Doroteia também aponta para uma variedade de perfis, mas ressalta que a grande maioria das pessoas que a procuram são homens casados. As entrevistadas consideram que esse interesse por parte dos homens casados explica-se pelo fato de existir “homem que procura coisa nova, por estar em casa todo dia sendo aquela mesma coisa, a mulher já não se cuida tanto e já está acostumada. Aí chega as travestis que estão sempre bem vestidas e desperta o interesse”.¹²³ Diante disso, nota-se que o mercado da prostituição é um ramo que chama a atenção e atrai diferentes tipos de pessoas. Doroteia relata que

Tem a procura de tudo! Tem a procura de homem, tem a procura de casal, tem a procura de mulher, porque tem mulher que tem vontade de transar com travesti, tem casal que tem vontade de ver a mulher, o travesti transando com o marido e o marido ver a travesti transando com a mulher, os três fazendo o trem junto. Então a procura é de tudo, é de tudo!¹²⁴

As entrevistadas apontam que existe uma grande procura dos *clientes* por travestis que estejam dispostas a fazer companhia e conversar. Alguns *clientes* “só querem companhia para

¹¹⁹ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 5.

¹²⁰ *Possuir local* é uma expressão utilizada para denominar as travestis que têm sua própria casa e que se utilizam do espaço para realizar seus encontros.

¹²¹ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 5.

¹²² BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 26.

¹²³ *Ibidem*, p. 25.

¹²⁴ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 14.

eles usar a droga e ficar conversando. Tem muito cliente que sai com a gente só para conversar, não quer sexo, não quer nada, só quer desabafar sobre o casamento que tá ruim, que a mulher dele tá assim, assado. Tem hora que a gente é mais psicólogo do que garota de programa”.¹²⁵

Considerando a variedade de pessoas que procuram por seus serviços, Aurora e Doroteia desenvolveram determinadas estratégias para atrair e conquistar os *clientes*. Aurora destaca que um dos pontos importantes para conquistar as pessoas é entender o que elas desejam:

[...] o primeiro de tudo é tratar os clientes bem, como se eles fossem o seu namorado. Então é um boa noite, como você está? E conversar. Tem muito homem que gosta de conversar. E tem homem que não gosta nem de conversar que mal olha na sua cara, só quer fazer lá rapidinho e vamos embora e pronto. Já tem homem que é mais tranquilo, quer carinho, quer atenção. Muito que os homens gostam é que você esteja bem vestida ou tem homem que gosta que você está bem pelada. Então depende do cliente.¹²⁶

No caso de Doroteia, ela também entende a necessidade de tratar os *clientes* bem, entretanto

Eu sou muito grossa, entendeu?! Tem muito cliente que reclama, você é seca, você é grossa e assim, assado. Eu falo: Olha meu bem, me desculpa eu sou uma garota de programa, não sou sua mulher! Se quer carinho, vai ter carinho com sua mulher lá na sua casa, que você veio aqui procurar sexo, então a gente já para por ai! Eu não tenho essas frescuras de ser carinhosa,[...] não eu sou taurina!¹²⁷

Outra estratégia utilizada pelas travestis para atraírem os *clientes* está relacionada com a forma como elas se comportam nas *avenidas*. Ao observar a *zona* de prostituição localizada na avenida Napoleão Faissol, é possível notar as diferentes formas de agir e as diferentes *performances* produzidas pelos indivíduos. Por meio de gestos e expressões corporais, as travestis brincam com os elementos que caracterizam o sexo e elevam suas *performances* de gênero ao extremo do feminino e do sexual. Nesse sentido, de modo a atrair o desejo dos *clientes*, as travestis se comportam de formas provocativas e criam maneiras para conquistá-los e realizarem o *programa*.

¹²⁵ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 12.

¹²⁶ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 24.

¹²⁷ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 12.

Despertado o desejo dos *clientes*, é estabelecido um contrato simbólico com as travestis. Nesse contrato, elas apresentam os serviços oferecidos e fica por conta de o *cliente* aceitar. Como relatado por Dorotéia, no momento em que o *cliente* estaciona o carro inicia-se,

[...] toda uma entrevista. É obrigação do cliente perguntar o que você faz e o que você não faz, para não chegar no motel na hora e não dar problema. É como falam, o barato não sai caro! Então já pergunta se faz isso, aquilo outro, lá mesmo na avenida! Na hora que eles param de carro já pergunta, você chupa sem camisinha? Não! Você faz sem camisinha? Não! Se não quiser vai embora, então eles automaticamente já têm que perguntar, para não chegar no motel e não ter surpresa, ah, mas você falou que fazia, falou que não fazia. Já aconteceu isso comigo de sair com homem bêbado de marcar uma coisa e chegar no motel e querer outra¹²⁸

Aurora, também realiza uma negociação e “antes de fazer o programa, antes de eu tirar minha roupa eu recebo adiantado, primeiro eu recebo e depois eu faço o programa para não ter erro. Tem cliente que fala: mas a gente não fez nada! Mas a gente vai fazer, essa é a minha forma de trabalhar”.¹²⁹ Caso o *cliente* quebre o acordo estabelecido no início do *programa*, inicia-se o que as travestis denominam de *escândalos* ou *bação*. Doroteia expõe que para resolver seus problemas “é na briga, na porrada. E vai, desce o grito! ”.¹³⁰ O *escândalo* consiste em uma forma de as travestis exporem publicamente o *cliente* em uma situação constrangedora. De acordo com Kulick, “o escândalo consiste em insultos e ofensas feitos aos berros”.¹³¹ Uma situação resolvida por meio do *escândalo* é narrada por Aurora:

[...] aconteceu de eu fazer o programa no escurinho e o cara não queria me pagar e queria me deixar lá. Eu puxei a chave da moto [...]. Esse cara queria pegar a chave da moto, não ia me pagar e também não ia me levar. Eu falei que ele não ia me levar nem ele. Peguei e joguei a chave da moto no meio do mato e falei para ele se virar. Falei: você vai me pagar, porque eu sei onde você trabalha e eu vou lá. Ele falou que ia me matar, eu olhei bem pro olho dele e falei: Então vamos ver então, quem mata quem primeiro e eu saí andando. Ele falou que ia me levar e me deu o dinheiro.¹³²

Além das estratégias utilizadas para atrair os *clientes*, as travestis costumam utilizar artifícios para se protegerem, seja nas relações sexuais, seja da violência das ruas. Para se

¹²⁸ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 11.

¹²⁹ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 27.

¹³⁰ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 15.

¹³¹ KULICK, Don. *Travesti...*, op. cit., p. 169.

¹³² BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 27.

protegerem de doenças sexuais, ambas fazem exames periódicos e realizam suas práticas sexuais com o uso de preservativos. Dorotéia aponta que “até para fazer sexo oral uso camisinha, eu ponho camisinha até para fazer sexo oral e exame de seis em seis meses e pego preservativo nos postos de saúde aqui perto da minha casa”.¹³³ Os discursos das entrevistadas a respeito dos riscos de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis podem, em certa medida, estar relacionados com agendas afirmativas que buscam conscientizar a respeito dos riscos de práticas sexuais sem proteção. Um objetivo específico do *Plano nacional de enfrentamento da epidemia de Aids e das DST entre gays, HSH e travestis* é “produzir conhecimento sobre representatividade na população brasileira, participação na epidemia de aids, características e vulnerabilidades socioculturais e econômicas e práticas das travestis frente à infecção pelas DST e pelo HIV”.¹³⁴ As entrevistadas relatam também que são bem recepcionadas nos postos de saúde, entretanto afirmam não haver um tratamento específico para suas demandas. Conforme dito, elas desconhecem a existência de alguma instituição especializada em atender as suas necessidades.

No que diz respeito às estratégias utilizadas para se defenderem de agressões, Aurora ressalta que sempre leva um celular de valor inferior e uma bolsa pequena que carrega próxima ao corpo. Quanto à escolha do *cliente*, ela busca “em qual carro ele está, como ele está vestido. Eu olho tudo antes de pensar e aonde eu vou, eu vou só onde eu conheço, o motel mais perto de onde eu estou. Quando é para eu escolher eu vou sempre no mesmo local, onde qualquer coisa que acontecer eu tenho um resgate mais rápido”.¹³⁵ No que diz respeito à utilização de armas, Aurora aponta que “antigamente eu andava até com canivete, mas hoje como é bem proibido, porque é arma branca, não ando com nada assim para me defender.”¹³⁶ No caso de Doroteia, é ressaltado que, mesmo algumas travestis levando para rua facas e estiletes, ela particularmente não leva nada, pois considera que “levar arma para a rua, querido é a mesma coisa que você tá

¹³³ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 10.

¹³⁴ BRASIL. *Plano nacional de enfrentamento da epidemia de Aids e das DST entre gays, HSH e travestis*. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.p. 27.

¹³⁵ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 30.

¹³⁶ Idem.

se entregando, entendeu?! Porque às vezes vai que você está na rua, arruma briga com a pessoa e com a sua própria arma ela vai e te mata. Então eu não levo!”.¹³⁷

Mesmo adotando estratégias para se protegerem, as entrevistadas relatam inúmeros casos de agressões e violência cometidos pelos demais segmentos sociais. As agressões costumam acontecer em ocasiões em que o *cliente* se recusa a pagar o *programa* ou que diz ter se confundido com a travesti que se passa por mulher. Aurora descreve um desses casos, “de cliente não querer me pagar, eu estar dentro do motel e o cliente não queria pagar de jeito nenhum porque achava que eu era mulher. Eu falei assim: Na hora que você está chupando meu pinto, você estava achando que eu era mulher?”¹³⁸ Nessas situações, as travestis costumam recorrer aos *escândalos* para terem seu pagamento realizado. No caso de Aurora, ela afirma: “Vesti minha roupa, abri o frigobar, peguei uma cerveja e dei uma golada nela e meti no espelho do motel e quebrou tudo, peguei um caco de vidro e ele: Você é louca? Você vai pagar! Eu falei: Quero ver eu pagar!”.¹³⁹ Na maioria das vezes, os *escândalos* costumam funcionar e os *clientes* acabam pagando o valor do programa.

Outras situações de agressões vivenciadas pelas travestis estão relacionadas com o preconceito por parte dos demais segmentos sociais. Como informado por Doroteia, “já chegou de moleque vim de festa procurar briga, encrenca com uma ou outra e a gente foi defender, já teve um que quebrou meu braço com uma paulada, que eu fui defender uma outra na rua.”.¹⁴⁰ Esse tipo de situação pode ocorrer, entre outros aspectos, pôr as pessoas associam o corpo e imagem das travestis a uma lógica ambígua que confunde e embaralha as noções de feminino e masculino. Dentro dessa lógica Butler argumenta que,

[...] quando a desorganização e desagregação do campo dos corpos rompe a ficção reguladora da coerência heterossexual, parece que o modelo expressivo perde sua força descritiva. O ideal regulador é então denunciado como norma e ficção que se disfarça de lei do desenvolvimento a regular o campo sexual que se propõe descrever.¹⁴¹

¹³⁷ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 7.

¹³⁸ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 29.

¹³⁹ Idem.

¹⁴⁰ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 7.

¹⁴¹ BUTLER, Judith. *Inscrições corporais, subversões performativas...*, op. cit., p. 194.

Assim, o corpo das travestis expostos nas ruas e avenidas pode representar um incômodo às normas sociais estabelecidas e um rompimento com as noções fixas dos gêneros masculino e feminino.

Diante do apresentado, percebe-se que a construção de corpos femininos pode ocasionar em olhares de estranhamentos por parte dos demais segmentos sociais e o contato com a prostituição pode representar, na maioria das vezes, em problemas familiares. Além disso, após muitos anos no mercado sexual, as travestis começam, em alguns casos, a criar novas expectativas, a imaginar e a traçar planos distintos para seus futuros.

2.3- Para além da prostituição: as expectativas e representações de um futuro travesti

Com base nas informações apresentadas no decorrer deste estudo, é possível perceber que a construção dos corpos e identidades travestis operam por meio da fluidez dos gêneros masculino e feminino. A montagem ambígua desses sujeitos costuma gerar estranhamento por parte dos demais segmentos sociais. Duque argumenta que, na maioria das vezes, a presença desses corpos nas ruas pode ocasionar na manifestação de *pânico moral*. O autor entende *pânico moral* como a “identificação coletiva de um fenômeno social considerado ameaçador à coletividade, em especial a seus valores e normas”.¹⁴² O conceito foi criado por Stanley Cohen na década de 1960 para caracterizar a forma pela qual a mídia e a opinião pública agiam em relação ao rompimento de padrões normativos. No momento em que esse rompimento atinge o campo das sexualidades passa a ser caracterizado como fenômeno de *pânicos sexuais*.¹⁴³ Seguindo essa concepção, a manifestação do *pânico sexual* na realidade local de Ituiutaba ocorre, na maioria das vezes, por meio de agressões de sujeitos que sentem curiosidade em entender as dinâmicas dos corpos travestis. Conforme relatado por Doroteia,

Sempre tem um palhaço que vai falar: olha o viado, olha isso, olha aquilo, aquilo outro. Isso não é uma coisa que choca mais! [...], mas sempre tem um palhaço que vai fazer graça, mas a gente deixa para lá. Geralmente os que fazem graça é os que vão lá te procurar a noite, entendeu?! Quer fazer graça porque tem alguém perto, algum amigo e quer aparecer. Aí eles começam a fazer gracinha, esses eu guardo bem a cara pra

¹⁴² DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens...*, op. cit., p. 26.

¹⁴³ Ibidem, p. 27.

bater no preço um pouquinho melhor. Não brigo! Eu guardo, eu não brigo, eu guardo caras, rosto, tudo! Aí espero o momento certinho.¹⁴⁴

Algumas agressões partem de indivíduos que tentam afirmar sua masculinidade e reprimir seus desejos e vontades. Conforme mostra o fragmento citado, Doroteia optou por não considerar as agressões sofridas e desenvolveu *táticas* de elevar o preço do *programa* para os seus agressores. Com essa ação, ela consegue em certa medida tirar proveito da situação e agir sobre ela. A *tática* dentro dessa lógica “tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar da ocasião”.¹⁴⁵ Tal como Doroteia, Aurora também descreve situações de agressões parecidas:

[...] tem pessoas que passam e falam coisas que você não quer ouvir e nem precisa de ouvir, aquilo meio que te magoa. Mas eu fui aprendendo que são pessoas recalcadas, invejosas. Eu não dependo de ninguém para viver, eu dependo só de mim, então porque eu vou me sentir mal pelo que eu sou. Então foda-se, tô nem aí, porque já aconteceu do cara passar, gritar vira homem para mim, com a esposa na garupa da moto e depois de dois dias voltar sem a esposa e sair comigo e ter a cara de pau de falar que só falou aquilo porque a esposa tava perto.¹⁴⁶

Além da violência sofrida nas *avenidas*, ela expõe também conflitos que ocorreram fora das áreas de prostituição:

[...] tem muita mulher que me elogia e tem mulher que me critica! Já teve mulher de falar: nossa por que você usa um short tão curto? Aí eu falei: e por que que você não cuida da sua vida? O short é meu, fui eu que paguei! Eu posso usar ele curto, agora você, gata, com o seu corpo, eu te aconselho a continuar com essa saiona aí mesmo que eu não estou te pedindo sua opinião!¹⁴⁷

Outro ponto exposto pelas entrevistadas diz respeito às suas percepções sobre os modos como são vistas pelos demais segmentos sociais. Doroteia relata sentir que as pessoas “[...] encaram a prostituição como sem-vergonhice. [...]. Você observa muito pelas pessoas que passam, porque tem gente que você tá lá em pé e não tá nem aí pra você, mas tem umas que passa, mexe, faz chacota. Já teve vez de eu tá na rua e tacar lixo em cima de mim, teclado de

¹⁴⁴ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 13.

¹⁴⁵ CERTEAU, Michel. *Introdução...*, op. cit., p. 47.

¹⁴⁶ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 26.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 31.

computador, latinha de cerveja”.¹⁴⁸ Ao ser questionada sobre sua relação com os clientes, ela argumenta que em determinados momentos sente receio de seu trabalho, pois

[...] sei que é meu trabalho e tudo e tal e eu vejo que a maioria do público da prostituição, que vai fazer programa com travesti, noventa por cento é homem casado. Então eu fico, tem hora que me bate aquele arrependimento e eu falo, nossa gente! Eu fico imaginando se fosse eu que tivesse no lugar da mulher dele em casa e ele saindo com outra na rua. Tem hora que se pega aquilo e fica imaginado se fosse eu que estivesse no lugar dela. Mas não fui eu que foi procurar, foi ele que foi procurar, por um lado não pesa, mas por um lado, não sei se de todas, mas na minha pesa! Que eu não gosto de fazer com os outro o que não gostaria que fizesse comigo, entendeu!? Então eu fico meio assim.¹⁴⁹

Além da violência e estigma que esses sujeitos sofrem nas ruas e *avenidas*, é comum encontrar, nas narrativas travestis, relatos de conflitos envolvendo seus familiares. No caso de Aurora, as divergências ocorrem, em sua grande maioria, por conta de seu trabalho com a prostituição. Como apresentado por ela, “a minha mãe não gosta! [...] porque ela tem muito medo de agressão, de briga, de trem assim”.¹⁵⁰ Diferente do que é relatado por Aurora, a mãe de Doroteia

[...] sempre encarou as coisas muito bem, nunca tive problema com a minha mãe com a prostituição, porque eu nunca dei trabalho pra ela, eu nunca nem nada. Então é com o dinheiro da prostituição que eu mantenho minha casa toda, ela e assim vai. Não tem o que falar! Nunca dei trabalho pra ela, não falto no respeito com ela, então o que eu faço do portão pra fora é problema meu, não trazendo problema pra dentro da casa dela, então nunca tive problema com ela em relação a isso não.¹⁵¹

A aceitação por parte da mãe de Doroteia pode, em certa medida, estar relacionada com questões financeiras, afinal é com o dinheiro da prostituição que Doroteia mantém a casa de sua mãe. Da mesma forma, Aurora também aponta que um dos fatores que ajudaram a melhorar a relação com seus familiares foi a ajuda financeira. Nesse sentido, nota se que, até certo ponto, a boa convivência com os familiares é mantida por fatores econômicos. Com base nas experiências das entrevistadas, é possível pensar uma relação ambígua estabelecida com a prostituição. Ao mesmo tempo em que seus familiares criticam a prática da prostituição,

¹⁴⁸ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 13.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 6.

¹⁵⁰ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 31.

¹⁵¹ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 8.

considerando-a como moralmente inadequada, eles necessitam do dinheiro adquirido com o trabalho.

Nesse contexto contraditório que envolve a prática da prostituição, é possível pensar as razões pelas quais os indivíduos permanecem nesse mercado. Algumas travestis continuam nesse ramo pois sentem prazer e satisfação. Nos casos de Aurora e Doroteia, elas se mantêm no mercado sexual pois dependem da prática para se sustentarem. Doroteia, ao refletir sobre os prazeres encontrados na prostituição, relata que

[...] em oito anos, quase dez anos de prostituição, tive prazer na minha vida três vezes, foi muito! O resto é tudo fingimento, é tudo pro cliente andar depressa e me dar meu dinheiro. Não tem prazer nenhum! Se eu falar que tem, eu vou tá mentindo, não tem! Muitas das vezes eu tenho assim é nojo, tenho nojo. Tem gente que acha que é feio sentir nojo do ser humano, mas tem umas coisas que não dá pra você suportar¹⁵²

De modo semelhante, Aurora aponta que uma das razões para sua permanência são as poucas chances que ela tem para arrumar um emprego com carteira assinada. Como narrado, mesmo tendo um bom currículo, “não é todo mundo que quer contratar uma travesti, uma trans, não mesmo! Um salão, coisas assim sim! Mas uma loja, acho que você nunca viu uma travesti te atendendo, você não vê! Porque o povo tem muito preconceito”.¹⁵³

Diante das reflexões realizadas neste estudo a respeito da prostituição e considerando as falas e representações das entrevistadas, nota-se que a prática não pode ser considerada apenas como uma fonte de renda, devendo ser pensada também como fonte de obtenção de determinadas experiências. Nesse sentido, em vez de entender a prostituição apenas como uma forma degradante de trabalho, é necessário considerá-la como um espaço no qual algumas travestis sentem-se reconhecidas e admiradas. Como argumentado por Kulick, a prostituição “faz com que as travestis se sintam *sexy* e atraentes”¹⁵⁴ e em alguns contextos esses indivíduos podem “desenvolver autoestima, autoconfiança, valor pessoal, além de se sentirem como objeto de verdadeiros e intensos desejos”.¹⁵⁵

¹⁵² RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 5.

¹⁵³ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 29.

¹⁵⁴ KULICK, Don. *Travesti...*, op. cit., p. 151.

¹⁵⁵ Idem.

É por meio das experiências vividas e das expectativas ansiadas que se constitui e se articulam as diferentes dimensões do tempo histórico.¹⁵⁶ Portanto, é com base nessa concepção, que se busca compreender os anseios e expectativas das entrevistadas. Nesse contexto, para além da prática da prostituição, o futuro para Aurora significa

[...] começar a fazer um curso de banho e tosa, porque assim eu gosto muito de animal e eu quero fazer um curso de banho e tosa e investir nisso para mim ter um futuro melhor! Porque ficar só na prostituição uma hora acaba, o corpo lindo tchau e vai ser uma travesti velha! Então eu tenho que correr atrás enquanto eu tô nova, então eu penso assim. E quando eu não estou fazendo programa, eu gosto de sair, beber, conversar com os amigos, divertir. Mas assim, profissionalmente é isso! Eu quero tentar nessa área, um pet shop depois auxiliar de veterinário uma coisa que eu gosto talvez até fazer uma faculdade, não sei, talvez sim! Eu não pretendo ficar nisso toda vida não! Porque tem hora que cansa a mente da gente, porque tem vez que você não quer fazer aquilo, você está fazendo só pelo dinheiro e é muito ruim você ter que fazer uma coisa só pelo dinheiro tem hora que incomoda!¹⁵⁷

Na experiência de Doroteia, ela aponta que, fora da prostituição, é uma pessoa mais caseira e que “se falar vamo lá na boate ou vamo compra uma pizza e ver um filme. Vamo comprar a pizza e ver o filme!”.¹⁵⁸ Ela ressalta também que seus planos incluem

[...] sair da prostituição definitivo! Eu acho que minha cota de prostituta já deu, já acabou, já tô fazendo hora extra na prostituição, eu acho que já deu. Aí eu tava até vendo sabe? Eu me inscrevi no ENEM esse ano, eu tava com a curiosidade de fazer faculdade. Como eu trabalhei na prefeitura eu via as assistentes sociais, fiquei com vontade de fazer serviço social.¹⁵⁹

Conforme exposto nos fragmentos, parece haver um prazo de validade para os corpos travestis. Como dito por Doroteia “minha cota de prostituta já deu”.¹⁶⁰ Aurora também aponta seus anseios e medos com seu futuro “uma hora acaba, o corpo lindo tchau e vai ser uma travesti velha!”.¹⁶¹ Nesse sentido, nota-se que os horizontes de expectativas representados por elas se projetam para um campo do desconhecido e das incertezas, mas fora da prostituição. Assim,

¹⁵⁶ KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”..., op. cit., p. 308.

¹⁵⁷ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 32.

¹⁵⁸ RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 14.

¹⁵⁹ Ibidem, p. 15.

¹⁶⁰ Idem.

¹⁶¹ BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos...*, op. cit., p. 32.

apesar dos medos e das dificuldades imaginadas em relação à passagem do tempo e à vida na velhice, Aurora e Doroteia abrem horizontes de expectativas para imaginarem futuros descomplicados.



Considerações finais

Como demonstrado no decorrer deste trabalho, as trajetórias de vida dos indivíduos travestis são caracterizadas por uma multiplicidade de experiências. Desde muito cedo, os sujeitos entrevistados percebem que existe algo de diferente em suas identidades e seus corpos. Assim, com suas identidades em construção, esses indivíduos experimentam na infância um período de anseios e de vontades de atender às suas necessidades femininas que estavam relacionadas aos seus processos de construção identitária e de gênero. Percebe-se também que, mesmo diante de um sistema que funcionava, em grande parte, por meio de padrões normativos heterossexuais, as entrevistadas utilizaram-se de estratégias e práticas variadas para satisfazerem suas expectativas e representarem suas necessidades e vontades femininas.

As expectativas negadas e reprimidas na infância foram intensificadas com o início da adolescência. Percebeu-se que o vislumbre da possibilidade de existência de sujeitos que se apresentavam de forma feminina deu às entrevistadas a esperança de realizar suas expectativas e novas possibilidades para satisfazer seus desejos. Como apresentado, foi a partir desse momento que Aurora e Doroteia buscaram maneiras concretas de construir e representar suas vontades femininas. Diante disso, notou-se que a construção da feminilidade travesti foi movida por uma manipulação da vergonha e que, em certa medida, as novas possibilidades corporais e identitárias passaram por processos de *montagem* e *desmontagem*. Portanto, as expectativas que estiveram presentes na infância e na adolescência contribuíram para a construção das experiências da vida adulta de Aurora e Doroteia.

Com a chegada dos conflitos da vida adulta, os elementos que envolviam uma *montação* efêmera, não foram mais suficientes para satisfazerem as vontades e expectativas. Nesse sentido, os indivíduos travestis passaram por uma variedade de processos identitários para se construir e se representar enquanto femininos. Como demonstrado, Aurora e Doroteia vislumbraram em seus corpos maneiras concretas e permanentes de afirmar, produzir e inventar o feminino. Dessa forma, para além de cabelos e maquiagens, tanto Doroteia quanto Aurora utilizaram-se de hormônios, implantes e próteses para satisfazer seus desejos de obter corpos femininos.

Nessa pesquisa verificou-se que os fatores anatômicos e fisiológicos que costumam classificar e categorizar os indivíduos travestis e *trans* não se aplicam nas concepções das entrevistadas. Dentro desse contexto, percebeu-se que para Aurora e Doroteia *ser travesti* ultrapassa as barreiras de montagem dos corpos, aplicação de silicone e usos de hormônio. Assim, no decorrer desta pesquisa a diferenciação do termo *trans* e travesti deu-se por meio da auto identificação muito mais do que por atribuição.

Outro ponto que pôde ser observado na pesquisa é que à medida que as transformações corporais e os atributos femininos tornavam-se mais visíveis, as relações com familiares e com os demais segmentos sociais tornavam-se mais complicadas e instáveis. Portanto notou-se que, ao serem relegadas ao campo do estigma, Aurora e Doroteia buscaram na prostituição formas de sobreviver e de ter seus corpos e identidades aceitos.

Após muitos anos no mercado sexual, percebeu-se que esses indivíduos começaram a criar novas expectativas, a imaginar e a traçar planos distintos para seus futuros. Em suas narrativas, as entrevistadas evidenciaram a percepção de que existe um prazo de validade para os corpos travestis e que, quando imaginam o passar do tempo e a chegada da velhice, seus horizontes de expectativas projetam-se para um campo do desconhecido, das incertezas e das possibilidades. Por fim, constata-se que, mesmo diante dos medos e dificuldades, Aurora e Doroteia abriram seus horizontes de expectativas para imaginar futuros descomplicados.



Fontes

Entrevistas

BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos*: uma análise das práticas e representações das travestis na cidade de Ituiutaba (década de 1990 - 2019). [Entrevista concedida a] Gustavo de Souza Rubbi. Ituiutaba - MG, 12 set. 2019.

RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos*: uma análise das práticas e representações das travestis na cidade de Ituiutaba (década de 1990 - 2019). [Entrevista concedida a] Gustavo de Souza Rubbi. Ituiutaba - MG, 31 maio 2018.

Site

FATAL MODEL. *Fatal Model*, 2020. Ementa (O site Fatal Model disponibiliza a plataforma para que acompanhantes possam divulgar seu trabalho. Vale lembrar que o conteúdo do anúncio é de responsabilidade do anunciante e que o Fatal Model é apenas uma rede social.). Disponível em: <<https://fatalmodel.com/>>. Acesso em: 04, maio 2020.

Documentos e legislações

BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil Sem Homofobia*: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 457, 19 de agosto de 2008. *Processo Transsexualizador*. Brasília, DF, 2008b.

BRASIL. *O SUS de A a Z*: garantindo saúde nos municípios. Ministério da Saúde, Conselho Nacional das Secretarias Municipais de Saúde. 3. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2009a.

BRASIL. *Plano nacional de enfrentamento da epidemia de Aids e das DST entre gays, HSH e travestis*. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

Programa Nacional de DST e Aids. *Plano Nacional de Combate à violência e à discriminação GLTB e promoção da cidadania homossexual*. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_enfrentamento_epidemia_aids_hsh.pdf>. Acesso em 06 abril 2019.

Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. *O Terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos*. Disponível em: < <https://pndh3.sdh.gov.br/public/downloads/PNDH-3.pdf>>. Acesso em 06 abril 2019.



Referências bibliográficas

Livros

BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2011.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

Capítulos de livro

ALBERTI, Verena. O lugar da história Oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In: *Ouvir Contar: Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 13-31.

BLANKE, Horst Walter. Para uma nova história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 27-64.

BUTLER, Judith. Inscrições corporais, subversões performativas. In: *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 185-201.

CERTEAU, Michel. Estratégias e táticas. In: *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 97-102.

CERTEAU, Michel. Introdução. In: *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 37-53.

DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. Uma crise da história? (décadas de 1980 /1990). In: *Correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Ed. FGV: 2012, p. 321-410.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: *Futuro Passado: contribuição a semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 305-327.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 216-240.

Artigo em revista

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? *Revista Tempo e Argumento*, [S.l.], v. 10, n. 23, p. 39 - 79, abr. 2018. ISSN 2175-1803. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/12709>>. Acesso em: 19 maio 2020.

DUQUE, Tiago. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 489-500, maio 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200010>>. Acesso em: 16 maio 2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, abr. 2018. ISSN 2175-1803. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310232018080>>. Acesso em: 19 maio 2020.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, vol.15, n.32, p.129-156, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo, nº 15, p.13-33, abr/1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11215/8223>>. Acesso em: 29 maio 2020.

SANTOS, Rafael França Gonçalves. Amizades e invenções de si: as experiências trans em Campos dos Goytacazes. *Sociabilidades Urbanas: Revista de Antropologia e Sociologia*, v.1, n.3, p. 136-148, nov. 2017. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/sociabilidadesurbanas/>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

SCOTT, Joan Wallach. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*, São Paulo, v.16, p. 297-325, fev. 1998. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11183/8194>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, nº 2, p. 01-35, jul. /dez. 1995. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2020.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. Trad. Andréa Zhouri e Lígia M. L. Pereira. História Oral. *Revista da ABHO*, nº 5, p.09-28, jun. 2002. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal>>

=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=47&path%5B%5D=39>. Acesso em: 07 mar. 2020.

THOMPSON, Alistair. Reconpondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. *Projeto História*, São Paulo, v. 15, set. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11216>>. Acesso em: 29 maio 2020.

Teses e dissertações

CABRAL, Vinícius. *Espaço e morte nas representações sociais das travestis e transexuais femininas*. 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

PELÚCIO, Larissa. *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. 313 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Ciências Sociais). São Carlos: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1399?show=full>>. Acesso em: 07 mar. 2020.



Anexos

Anexo I: Roteiro de entrevista – Doroteia Ridel

Entrevista de História Oral – Disciplina Memória e História Oral - 2018 - Universidade Federal de Uberlândia- Campus Pontal - Ituiutaba-MG

ROTEIRO PARA ENTREVISTA TEMÁTICA E SEMI DIRIGIDA

CABEÇALHO (gravar antes)

- ❖ Local e data: Ituiutaba, 31 de maio de 2018
- ❖ Título do projeto: Fronteiras, caminhos e experiências de uma vida prostituída.
- ❖ Nome do(s) pesquisadores: Gustavo de Souza Rubbi e Ualisson Pereira Freitas
- ❖ Nome da entrevistada: Doroteia Ridel

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO (discurso livre de apresentação do entrevistado - biografia)

- ❖ Nome
- ❖ Data e local de nascimento
- ❖ Breve trajetória de vida (onde estudou, onde mora, onde nasceu, trabalho, relacionamentos, família, etc.)

TRAJETÓRIA NA PROSTITUIÇÃO (contar como se deu a entrada na prostituição)

- ❖ Como se deu a entrada na prostituição (se já não mencionou no histórico)
 - Como foi a primeira vez - quantos anos, em que situação
 - O que a levou para prostituição
 - Escolha Ituiutaba como local de trabalho – o que a faz permanecer
 - Razão da permanência na prostituição – prazer ou necessidade
- ❖ Cotidiano da prostituição
 - Existe uma organização da prostituição? Zonas da cidade
 - Alguém administra ou são autônomas.
 - Onde se realizam os encontros (motel, carro, casa...)
 - Fale sobre o seu cotidiano na prostituição – é sempre uma rotina ou existem situações especiais, casos inusitados...
 - Existe prazer na prostituição...
 - Relação com clientes (existem clientes assíduos, você tem um perfil específico de cliente, procuram algo específico quando te contratam)
- ❖ A visão da travesti sobre o seu papel na cidade
 - Como você acha que a sociedade te vê e como você mesma vê o seu papel

PROSTITUIÇÃO E VIOLÊNCIA

- ❖ Como é a violência nas ruas
- ❖ Quais estratégias utilizadas para se defender
- ❖ Relação das travestis com a polícia da cidade
- ❖ Memórias e experiências de agressões e violência vivenciadas

FAMÍLIA E A TRAVESTI (contar qual a relação com a família e amigos)

- ❖ Qual a relação com a família
- ❖ Como a família vê a situação da prostituição
- ❖ Relação com amigos

SAÚDE E CONSTRUÇÃO CORPORAL

- ❖ Como foi a escolha do nome
- ❖ Como acontece a produção para a prostituição (vestimenta, maquiagem)
- ❖ Tem alguma inspiração na hora de se montar
- ❖ Como são realizadas suas transformações corporais (fisicamente, plásticas, silicone, etc.)
- ❖ Qual a sua relação com seu corpo
- ❖ Como se previne contra doenças sexuais (os clientes pedem para fazer sexo sem proteção? O que você pensa sobre isso?)
- ❖ Relação com as drogas (quais os tipos, os clientes são usuários, qual a sua visão)
- ❖ Você tem conhecimento de alguma associação medica ou órgão voltado para as travestis

PARA ALÉM DA PROSTITUIÇÃO

- ❖ Experiências e relatos de vivências na cidade
- ❖ Como você acha que as pessoas veem as travestis
- ❖ Como é o mercado de trabalho para as travestis
- ❖ Quem é você fora da prostituição (anseios, expectativas, desejos)
- ❖ Como se vê no futuro (quais projetos de vida ou planos)
- ❖ Pretende abandonar a prostituição

CONSIDERAÇÕES FINAIS (algo que queira acrescentar, o que é ser travesti para você)

Anexo II: Roteiro de entrevista – Aurora Bertolina

Entrevista de História Oral – Disciplina Trabalho de Conclusão de Curso - 2019 -
Universidade Federal de Uberlândia- Instituto de Ciências Humanas do Pontal - Ituiutaba-MG

ROTEIRO PARA ENTREVISTA TEMÁTICA E SEMI DIRIGIDA

CABEÇALHO (gravar antes)

- ❖ Local e data: Ituiutaba, 12 de setembro de 2019
- ❖ Título do projeto: Fora dos corpos: uma análise das práticas e representações das travestis na cidade de Ituiutaba (década de 1990 - 2019).
- ❖ Pesquisador: Gustavo de Souza Rubbi
- ❖ Orientador: Giliard da Silva Prado
- ❖ Entrevistada: Aurora Bertolina

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO (discurso livre de apresentação do entrevistado - biografia)

- ❖ Nome
- ❖ Data e local de nascimento
- ❖ Breve trajetória de vida (onde estudou, onde mora, onde nasceu, trabalho, relacionamentos, família, etc.)

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE (contar como se deu o processo de identificação com a identidade travesti)

- ❖ Como você percebia seu corpo antes do processo de transformação?
 - Como eram os seus desejos com seu corpo, Como você se sentia quando se olhava no espelho
- ❖ Você teve relações afetivas antes das transformações sexuais? Como era se relacionar sexualmente e afetivamente antes das transformações corporais?
 - Contar sobre os sentimentos que se tinham a respeito do corpo não transicionado.
- ❖ Como era a sua relação com as roupas? Que tipo de relação você tinha com as roupas?
 - Via nas roupas uma forma de se identificar com sua identidade
- ❖ Como foi o primeiro contato com a identidade travesti?
 - Contar como se deu o interesse com essa identidade
- ❖ O que a sua infância significou para você? Quais lembranças te marcaram?
 - Buscar identificar o que o passado representa para ela.

SAÚDE E CONSTRUÇÃO CORPORAL

- ❖ Como você pensa a questão de doenças sexuais? Como cuida da sua saúde?
- ❖ Como foi a escolha do nome?
 - Contar da origem do nome e o porquê da escolha
- ❖ Qual a sua relação com a suas roupas e maquiagens? Qual o sentimento com as novas roupas e maquiagem?
 - Contar sobre a caracterização do corpo feminino, a maquiagem, roupas, cabelo
 - Fale um pouco como você vê a maquiagem, cabelo e roupas.
- ❖ No momento que você se monta, você tem alguma pessoa em quem se inspira?
 - Conte quais seriam essas pessoas. Por que essa pessoa?
- ❖ Em relação as suas transformações corporais, como elas são realizadas?
 - Contar o que motivou a transformação física, qual o limite para essas transformações e quais os resultados, o que mudou após a transformação definitiva?
- ❖ O que seria o corpo ideal para você? Qual o corpo busca atingir?
 - Identificar na fala os padrões de beleza que está buscando atingir
- ❖ Como se previne contra doenças sexuais (os clientes pedem para fazer sexo sem proteção? O que você pensa sobre isso?)
- ❖ Relação com as drogas (quais os tipos, os clientes são usuários, qual a sua visão)
- ❖ Você tem conhecimento de alguma associação medica ou órgão voltado para as travestis
 - Mencionar que em algumas cidades isso existe. Você faz uso dos serviços de saúde da cidade? Como são esses serviços?

TRAJETÓRIA NA PROSTITUIÇÃO (contar como se deu a entrada na prostituição)

- ❖ Como se deu a entrada na prostituição
 - Como foi a primeira vez - quantos anos, em que situação
 - O que a levou para prostituição
 - Porquê da escolha de Ituiutaba como local de trabalho – o que a faz permanecer na cidade.
 - Razão da permanência na prostituição – prazer ou necessidade
- ❖ Cotidiano da prostituição
 - Existe uma organização da prostituição? Zonas da cidade. Existe disputas por pontos na cidade? Como é a sua relação com as demais travestis?
 - Quais estratégias você utiliza para atrair clientes?
 - Alguém administra ou são autônomas.
 - Onde se realizam os encontros (motel, carro, casa...)
 - Fale sobre o seu cotidiano na prostituição – é sempre uma rotina ou existem situações especiais, casos inusitados...
 - Existe prazer na prostituição...

- Relação com clientes (existem clientes assíduos, você tem um perfil específico de cliente, procuram algo específico quando te contratam)
- ❖ A visão da travesti sobre o seu papel na cidade
 - Como você acha que a sociedade te vê e como você mesma vê o seu papel

PROSTITUIÇÃO E VIOLÊNCIA

- ❖ Conte um pouco sobre como é a violência nas ruas
- ❖ Quais estratégias você utiliza para se defender
- ❖ Relação das travestis com a polícia da cidade
- ❖ Fale sobre suas memórias e experiências de agressões e violência vivenciadas

FAMÍLIA E A TRAVESTI (contar qual a relação com a família e amigos)

- ❖ Qual a relação com a família
 - Antes do processo de ser travesti e depois das transformações corporais.
- ❖ Como a família vê a situação da prostituição
- ❖ Relação com amigos
 - Antes do processo de construção corporal e depois das transformações.

PARA ALÉM DA PROSTITUIÇÃO

- ❖ Como você acha que as pessoas veem as travestis
- ❖ Como você se percebe, entende se vê hoje?
 - Qual a relação estabelecida com seu corpo, sua identidade
- ❖ Como é o mercado de trabalho para as travestis
- ❖ Quem é você fora da prostituição (anseios, expectativas, desejos)
- ❖ Como se vê no futuro? Você poderia falar sobre os planos para o futuro?
 - Quais os seus projetos ou planos de vida
- ❖ Pretende abandonar a prostituição

CONSIDERAÇÕES FINAIS (algo que queira acrescentar, o que é ser travesti para você)